

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

1º TRIMESTRE DE 2025

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

1º TRIMESTRE DE 2025



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Jerônimo Rodrigues Souza

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

Cláudio Ramos Peixoto

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS
DA BAHIA – SEI

José Acácio Ferreira

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (DISTAT)

Armando Affonso de Castro Neto

DIRETORIA DE PESQUISAS (DIPEQ)

Rodrigo Barbosa de Cerqueira

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL
(CAC) (COORDENAÇÃO GERAL)

Arthur Souza Cruz Júnior

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (COPES)

Lucigleide Nery Nascimento

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS
PÚBLICAS (COREF)

João Paulo Caetano Santos

ELABORAÇÃO TÉCNICA

**Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário
Internacional, Nacional e Estadual)**

**Carla Janira Souza do Nascimento
(Agropecuária e Produção Industrial)**

Elissandra Alves de Brito (Comércio Varejista)

Rosângela Conceição (Serviços e Turismo)

**Arthur Souza Cruz Junior, Lázaro Enzo Lima
Barbosa e Kailan Matos Pereira (Comércio
Exterior)**

**Gabriel Oliveira Barbosa e Marília Jane Campos
(Finanças Públicas)**

**João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e
Carol Vieira (Produto Interno Bruto)**

**Luiz Fernando Araújo Lobo (Mercado de
Trabalho)**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Elissandra Alves de Britto

**Maria Margarete de Carvalho Abreu
Perazzo**

NORMALIZAÇÃO

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

COORDENAÇÃO DE DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES
(SEI)

Marília Reis

EDITORIA-GERAL (SEI)

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO EDITORIAL (SEI)

EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO

Ludmila Nagamatsu

DESIGN GRÁFICO (SEI)

Vinícius Luz Assunção

REVISÃO ORTOGRÁFICA

2Designers

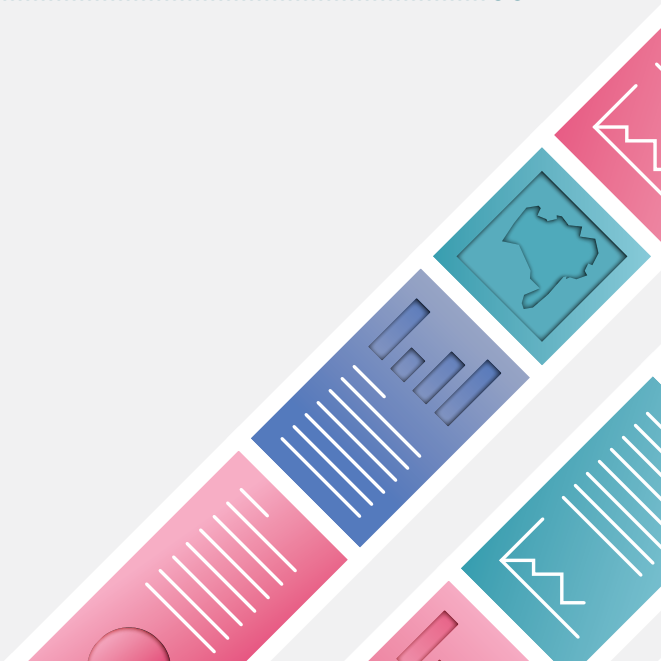
EDITORIAÇÃO

Alderlan Oliveira

SUMÁRIO



Panorama Internacional, Nacional e Estadual.....	5
Cenário internacional.....	5
Cenário nacional.....	10
Cenário estadual.....	17
Agropecuária.....	20
Outras lavouras permanentes e temporárias.....	22
Pecuária	23
Produção Industrial.....	24
Comércio Varejista	29
Serviços.....	34
Turismo.....	37
Comércio Exterior	40
Importação	48
Finanças Públicas.....	50
Cenário mundial – aumento da incerteza	50
Brasil – fortalecimento do resultado fiscal.....	51
Bahia – crescimento das receitas garantem o resultado fiscal	56
Salvador – queda substantiva das receitas.....	60
Produto Interno Bruto (PIB)	63
PIB em valor corrente	63
1º trimestre 2025/1º trimestre 2024	63
Mercado de Trabalho.....	66



Panorama Internacional, Nacional e Estadual

Luiz Mário Ribeiro Vieira
lmario@sei.ba.gov.br

Cenário Internacional

Após uma série de choques adversos em anos anteriores, como a pandemia da covid-19, o crescimento global foi estável até 2024 e a projeção era de que permaneceria assim em 2025, segundo o FMI na atualização World Economic Outlook (WEO) de janeiro de 2025. No entanto, uma série de novas medidas tarifárias adotadas pelos Estados Unidos em 2 de abril, elevando as tarifas efetivas a níveis não vistos em um século e retaliadas por seus parceiros comerciais, representou um grande choque negativo para o crescimento nos próximos trimestres.

A imprevisibilidade com que essas medidas vêm se desenrolando também tem um impacto negativo na atividade econômica e nas perspectivas. Ao mesmo tempo, torna mais difícil do que o habitual fazer suposições que constituam uma base para um conjunto de projeções internamente consistentes e oportunas.

Os resultados do primeiro trimestre em boa parte ainda não sofreram os impactos das medidas tarifárias impostas pelos Estados Unidos, que devem aparecer de maneira mais evidente no PIB do segundo trimestre.

A China apresentou o melhor resultado do PIB do 1º trimestre de 2025 entre as maiores economias. Os Estados Unidos se retraíram por um efeito estatístico. A zona do euro voltou a crescer a taxas modestas e o Japão caiu acima do esperado.

A seguir, são destacados os fatores que contribuíram para o desempenho do PIB desses países ou regiões, levando-se em consideração aspectos conjunturais que impactaram as referidas taxas nos Estados Unidos, China, zona do euro e no Japão, bem como apontadas as previsões para 2025 e 2026.

O crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) chinês atingiu 5,4% no primeiro trimestre, informou o *National Bureau of Statistics* (NBS) sustentado por um consumo sólido e pela produção industrial. Esse crescimento superou as expectativas de economistas pesquisadas pela Reuters, que previram uma expansão de 5,1%.

Os gastos do consumidor e a produção também superaram as expectativas, com as vendas no varejo subindo 5,9% em março em comparação com o mesmo mês do ano passado, e a produção industrial expandindo 7,7% em março, em comparação com 5,9% no período de janeiro a fevereiro (Liu; Liu, 2025).¹

O período observado antecede as tarifas impostas pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, à segunda maior economia global. Os números não incluem o impacto das tarifas “recíprocas” adicionais impostas por Trump sobre as importações chinesas, que entraram em vigor em abril. As tarifas totais sobre a China agora excedem impressionantes 145%.

Em março, o governo chinês estabeleceu uma meta ambiciosa de crescimento de “cerca de 5,0%” para este ano, numa demonstração desafiadora de confiança em sua economia voltada para a exportação. No entanto, os economistas acreditam que será difícil atingir essa meta. Isso se deve, em parte, ao crescimento das exportações ter sido particularmente vigoroso desde os últimos meses de 2024, quando empresas estrangeiras aumentaram seus pedidos em antecipação às tarifas impostas por Trump. De fato, a comparação trimestral destacou um ponto fraco, com a economia expandindo 1,2% no primeiro trimestre sobre os três meses anteriores, desacelerando em relação aos 1,6% registrados entre outubro a dezembro.

A economia chinesa “teve um início estável e bom, continuando a tendência ascendente”. “No entanto, também precisamos ver que o atual ambiente externo está se tornando mais complexo e severo, e o impulso de crescimento da demanda interna efetiva é insuficiente”, disse Sheng Laiyun, vice-diretor do NBS” (Liu; Liu, 2025).²

Além disso, somam-se os problemas econômicos estruturais que o país enfrenta há anos: uma crise no setor imobiliário, o espectro da queda dos preços e a relutância dos consumidores em gastar.

Para a maioria dos economistas, o governo da China provavelmente anunciará mais medidas para fortalecer o consumo interno nos próximos meses, o que, segundo Zichun Huang, economista da Capital Economics, deverá ser suficiente para manter o crescimento acima de 4%. Entre as medidas previstas, estão um novo aumento nos gastos fiscais e redução das taxas de juros, referindo-se aos gastos do governo e às medidas do Banco Central para tornar o crédito mais acessível (Liu; Liu, 2025).

1 Ver a respeito: LIU, John; LIU, Jonh. *Economia da China cresce 5,4% no primeiro trimestre*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/economia-da-china-cresce-54-no-primeiro-trimestre/>. Acesso em: 10 maio 2025.

2 Ibid.

Diferentemente da China, o Produto Interno Bruto (PIB) dos Estados Unidos registrou uma queda de 0,3%, em taxa anualizada no primeiro trimestre, após ter aumentado 2,4% nos últimos três meses de 2024, de acordo com dados preliminares do Departamento do Comércio dos Estados Unidos. O resultado foi puxado por uma grande quantidade de bens importados por empresas que queriam evitar custos mais altos decorrentes da política de tarifas anunciada pelo presidente dos EUA. O indicador demonstrou que as importações aumentaram a uma taxa de 41,3%, o maior crescimento desde o terceiro trimestre de 2020, gerando um grande déficit comercial (ou seja, importações maiores do que exportações), o que reduziu o PIB em 4,83 pontos percentuais.

O PIB também foi pressionado por uma queda nos gastos do governo federal, provavelmente ligada aos cortes agressivos da administração Trump, que resultaram em demissões em massa e no encerramento de programas. Por outro lado, os gastos dos consumidores continuaram a crescer, embora em um ritmo moderado.

As perspectivas para os próximos meses não são otimistas. A confiança do consumidor está próxima do menor patamar nos últimos cinco anos e o sentimento empresarial caiu para níveis negativos históricos. A inflação aumentou no primeiro trimestre e a expectativa é de que suba ainda mais ao longo do ano pelo aumento das importações. Os economistas esperam que o Federal Reserve adie o corte da taxa de juros para o segundo semestre, embora o mercado de trabalho ainda esteja aquecido, mas já mostra sinais de acomodação, reduzindo as perspectivas de um PIB mais forte em 2025.

Em relação ao resultado do PIB do 1º trimestre, o presidente dos Estados Unidos “afirmou que a contração da economia americana ‘não tem nada a ver’ com as suas tarifas sobre importações e que os índices vão prosperar quando elas entrarem em vigor”.³

O presidente americano vem anunciando uma série de tarifas desde que chegou ao cargo. Primeiro, foram taxas a países e produtos específicos. No início de abril, vieram as chamadas “tarifas recíprocas”, que atingiram, de forma abrangente, mais de 180 países. A repercussão foi ruim desde o início, em especial depois que a disputa escalou contra os chineses.

3 Ver a respeito: PIB dos EUA tem queda de 0,3% nos primeiros meses do mandato de Trump. *G1 Economia*. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2025/04/30/pib-dos-eua-tem-queda-de-03percent-nos-primeiros-meses-do-mandato-de-trump.ghml>. Acesso em: 30 abr. 2025.

“A economia da zona do euro cresceu mais rápido do que o esperado no primeiro trimestre de 2025 [...] com um leve tom positivo antes que a guerra comercial entrasse em vigor.”⁴

As 20 nações que compartilham o euro viram sua economia expandir 0,4% no primeiro trimestre, em comparação com o trimestre anterior, superando as expectativas de 0,2%, impulsionada pelo rápido crescimento da Espanha, informou a Eurostat. [...] A Alemanha, a maior economia da Europa, cresceu apenas 0,2%, enquanto a França cresceu 0,1% e a Itália 0,3%, sugerindo que, excluindo a Irlanda com expansão de 3,2%, o bloco estava crescendo perto dos 0,2% esperados pelos economistas (Zona do euro..., 2025).

Desde o final do trimestre, as perspectivas para o ano se tornaram significativamente mais sombrias para a zona do euro. O Banco Central Europeu já afirmou que, além da guerra comercial, a turbulência do mercado financeiro desencadeada pelas políticas dos EUA e a deterioração geral do sentimento prejudicarão o crescimento. Porém, a expectativa era de que o bloco expandiria menos de 1% antes mesmo da política tarifária de Trump, o que sugere que qualquer outro grande dano o colocaria próximo de uma recessão.

O Banco Central Europeu (BCE) vem cortando as taxas de juros rapidamente para isolar o bloco e provavelmente volte a reduzi-las em junho, embora a política monetária seja relativamente impotente contra uma desaceleração tão ampla. O aumento dos gastos fiscais do novo governo alemão com defesa e infraestrutura deve ajudar, mas isso levará tempo para ser implementado, o que sugere que pouco ou nenhum impulso fiscal é provável neste ano.

A zona do euro quase não cresceu nos últimos anos, uma vez que as empresas seguraram os investimentos e as famílias tentaram reconstruir a poupança perdida devido à inflação alta, colocando a Europa em desvantagem mesmo antes da mais recente escalada nas tensões comerciais.

A economia do Japão se retraiu pela primeira vez em um ano e em um ritmo mais rápido do que o esperado, mostraram os dados do primeiro trimestre. O PIB real sofreu uma contração anualizada de 0,7% de janeiro a março, segundo dados preliminares do governo, muito maior do que a previsão do mercado de uma queda de 0,2%, colocando em jogo o risco de uma recessão técnica. Na comparação trimestral, a economia encolheu 0,2%, ante previsão de 0,1%.

⁴ Ver a respeito: ZONA do euro cresce acima do esperado no 1º trim. antes do impacto de tarifas. *Reuters*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/economia/macroeconomia/zona-do-euro-cresce-acima-do-esperado-no-1o-tri-antes-do-impacto-de-tarifas/>. Acesso em: 30 abr. 2025.

No primeiro trimestre, a demanda externa – as exportações menos as importações – subtraiu 0,8 ponto percentual do crescimento. Os gastos de capital aumentaram 1,4% no mesmo período, enquanto os gastos privados permaneceram estáveis.

De modo geral, no entanto, analistas foram cautelosos em relação ao impulso mais fraco da demanda e aos riscos para as perspectivas diante de uma mudança na ordem do comércio global liderada por Trump. “A contínua alta de preços representa um risco de baixa para a economia do Japão, afetando o consumo privado por meio de um declínio na confiança do consumidor”, disse o ministro da economia Ryosei Akazawa (Newsires, 2005).⁵

Refletindo a incerteza sobre a perspectiva do comércio global, o Banco do Japão recentemente cortou pela metade sua projeção de crescimento para o atual ano fiscal que termina em março de 2026.⁶ Diante desses resultados, tornou-se cada vez mais difícil para o Banco do Japão aumentar as taxas de juros em julho, conforme previsto.

‘A economia do Japão carece de um impulsionador do crescimento, devido à fraqueza das exportações e do consumo. Ela é muito vulnerável a choques como o das tarifas de Trump’, disse Yoshiki Shinke, economista executivo sênior do Instituto de Pesquisa Dai-ichi Life⁷ (Kihara, 2025).

Os dados do PIB do primeiro trimestre das principais economias apresentaram resultados assimétricos, com destaque para as duas maiores economias, Estados Unidos e China. Com isso, os dados do relatório Panorama Econômico Global (WEO) do Fundo Monetário Internacional (FMI), divulgados em abril de 2025, alteraram as previsões de janeiro para o desempenho da economia, diante da rápida escalada das tensões comerciais e dos níveis extremamente altos de incerteza política, impactando a atividade econômica global.

O crescimento global de 2025 caiu para 2,8%, e 3,0% para 2026, abaixo da média histórica (2000-2019) de 3,7%. Para as economias avançadas, o FMI prevê expansão de 1,4% em 2025 e 1,5% em 2026. Para os mercados emergentes e economias em desenvolvimento, a taxa de crescimento do PIB ficou em 3,7% para 2025 e 3,9% para o próximo ano.

5 Ver a respeito: NEWSWIREs, Dow Jones. Economia do Japão encolhe 0,2% no 1º trimestre, primeira queda no ano. *Valor Econômico*, Tóquio, 2025. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2025/05/16/economia-do-japo-encolhe-02-pontos-percentuais-no-1-trimestre-primeira-queda-em-um-ano.ghtml>. Acesso em: 16 maio 2025.

6 Ibid.

7 Ver a respeito: KIHARA, Leika. Economia do Japão encolhe mais do que o esperado no 1º tri enquanto tarifas dos EUA se aproximam. *Reuters*. Economia, uol, 2025. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/reuters/2025/05/16/economia-do-japao-encolhe-mais-do-que-o-esperado-no-1-tri-enquanto-tarifas-dos-eua-se-aproximam.htm>. Acesso em: 16 maio 2025.

Na área do euro, espera-se que o crescimento acelere, mas em um ritmo mais gradual do que o previsto em janeiro. Em 2025, leve alta de 0,8%, e 1,2% em 2026, com as tensões geopolíticas continuando a afetar as políticas de recuperação econômica.

Para as principais economias, como os Estados Unidos, a guerra tarifária afetou significativamente as previsões de crescimento do PIB. Diante desse cenário, espera-se expansão de 1,8% em 2025 e 1,7% para 2026. O aumento das tarifas de importação também afetou as perspectivas do PIB para a China, que caíram em relação a janeiro para 4,0% em 2025 e 4,0% em 2026. O Japão pode apresentar taxas bem modestas de 0,6% em 2025 e 2026. Para a Índia, as previsões se reduziram para 6,3% em 2025 e 3,2% em 2026.

Segundo o FMI, a inflação global deverá diminuir num ritmo ligeiramente mais lento do que o que era esperado em janeiro, atingindo 4,3% em 2025 e 3,6% em 2026, com notáveis revisões para cima para economias avançadas e leves revisões para baixo para mercados emergentes e economias em desenvolvimento em 2025. Além disso, a intensificação de uma guerra comercial, juntamente com uma incerteza ainda maior na política comercial, pode reduzir ainda mais o crescimento de curto e longo prazo.

Cenário nacional

A atividade econômica iniciou o ano de 2025 diante de um cenário de incerteza e imprevisibilidade, especialmente no cenário externo, devido às medidas que o governo americano adotou em relação às importações dos países com os quais mantém relações comerciais.

Internamente, a atividade econômica vem sendo pressionada por uma política monetária mais restritiva, pela inflação, especialmente de alimentos, e desvalorização cambial, que aumentou preços dos produtos importados e reduziu o poder de compra dos consumidores.

As pesquisas mensais do IBGE para os principais setores da atividade econômica já sinalizam uma lenta desaceleração da atividade econômica brasileira no primeiro trimestre, principalmente do comércio varejista.

Em março, as pesquisas apontaram os seguintes resultados: produção industrial, comércio varejista e serviços, quando comparado aos de março de 2024, mostraram taxas de 3,1%, -1,0% e 1,9%, respectivamente. Já em relação a fevereiro, livre de influências sazonais, as taxas foram positivas: indústria (1,2%), comércio varejista (0,8%) e serviços (0,3%).

Esses dados já sinalizam leve desaceleração da atividade econômica, mesmo com mercado de trabalho aquecido. Com a taxa de desocupação registrando o menor nível da série histórica

para esse período, associado com os estímulos ao consumo e ao crédito por parte do governo, os efeitos defasados da política monetária e da inflação devem ficar mascarados.

A produção industrial do país avançou 1,9% no acumulado do primeiro trimestre na comparação com igual período do ano anterior, e em 12 meses teve expansão de 3,1%. Com esses resultados, a indústria se encontra 2,8% acima do nível pré-pandemia (fevereiro de 2020). Embora tenha reduzido o ritmo de crescimento frente ao último trimestre de 2024 (3,1%), houve resultados positivos em quatro das quatro grandes categorias econômicas, 17 dos 25 ramos, 53 dos 80 grupos e 57,2% dos 789 produtos pesquisados.

Segundo o gerente da PIM Brasil:

O maior ritmo verificado em março de 2025 foi caracterizado não só pela maior intensidade do resultado, mas também pelo perfil disseminado de taxas positivas (3 das 4 grandes categorias econômicas e 16 das 25 atividades mostraram crescimento na produção). Por enquanto não é uma mudança de trajetória, é uma melhora da situação. Não é garantia de que a indústria vai engatar uma trajetória ascendente⁸ (Indústria.....).

Entre as grandes categorias econômicas, o perfil dos resultados para os três primeiros meses de 2025 mostrou maior dinamismo para bens de consumo duráveis (11,6%) e bens de capital (5,2%), impulsionados, em grande medida, pela maior produção de automóveis (8,7%) e eletrodomésticos (14,2%), na primeira; e de bens de capital para fins industriais (8,7%), para equipamento e transporte (4,9%) e agrícolas (12,8%), na segunda. Os setores produtores de bens intermediários (1,3%) e de bens de consumo semi e não duráveis (0,6%) também assinalaram taxas positivas no índice acumulado do primeiro trimestre de 2025, mas apontaram avanços menos elevados do que o verificado na média da indústria (1,9%).

Por outro lado, ainda na comparação com janeiro-março de 2024, entre as oito atividades que apontaram redução na produção, *Coque, produtos derivados do petróleo e biocombustíveis* (-2,5%) exerceu a maior influência na formação da média da indústria, pressionada, principalmente, pela menor produção de óleo diesel. Vale destacar também os impactos negativos registrados pelos setores de *Indústrias extrativas* (-1,0%), de *Bebidas* (-3,8%) e de *Celulose, papel e produtos de papel* (-2,2%).

Diante desse cenário, uma acomodação é esperada na indústria brasileira, em linha com a perda de força gradual da economia tanto nacional quanto global. A expectativa de

⁸ Ver a respeito: INDÚSTRIA nacional cresce 1,2% em março, maior taxa desde junho de 2024. *Agência IBGE. Notícias. Indústria Nacional*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43282-industria-nacional-cresce-1-2-em-marco-maior-taxa-desde-junho-de-2024>. Acesso em: 7 maio 2025.

economistas é que a indústria brasileira deve sentir este ano os impactos da alta dos juros, do encarecimento do crédito, queda na confiança dos empresários, desvalorização da taxa de câmbio e aumento das tarifas de importação pelos EUA.

Em março de 2025, o volume de vendas do comércio varejista cresceu 0,8%, frente a fevereiro, na série com ajuste sazonal, e atingiu o maior nível da série histórica iniciada em janeiro de 2000. Em relação a março de 2024, o comércio varejista caiu 1,0%. No primeiro trimestre cresceu 1,2%, que representa o décimo positivo consecutivo nessa comparação. E em 12 meses, registrou crescimento de 3,1%. Segundo os dados da Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo IBGE, no primeiro trimestre, seis atividades tiveram resultados no campo positivo: *Móveis e eletrodomésticos* (5,8%), *Tecidos, vestuário e calçados* (4,0%), *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria* (3,6%), *Combustíveis e lubrificantes* (0,9%), *Hiper e supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (0,3%) e *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (0,1%).

Em relação ao comércio varejista ampliado, o resultado do primeiro trimestre de 2025 foi de 1,1% em relação ao primeiro trimestre de 2024. Em termos setoriais, *Veículos e motos, partes e peças* apresentou crescimento de 5,3%, *Material de construção* teve alta de 6,3% (maior dentre todos os 11 setores) e *Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* caiu 6,8% e fechou o trimestre com a maior queda dentre todas as atividades.

Mesmo com o setor alcançando sucessivos recordes históricos, a expectativa de economistas ainda é de que o ritmo de expansão da economia deve desacelerar ao longo de 2025. Os motivos são o impacto da inflação e dos juros elevados, embora o cenário atual seja desafiador, a expectativa é de que a desaceleração seja relativamente moderada, dado o mercado de trabalho aquecido e o aumento da massa salarial contribuir para sustentar o consumo das famílias.

O volume de serviços do país variou 0,3% em março de 2025, após crescer 0,9% em fevereiro. Em relação a março de 2024, na série sem ajuste sazonal, o volume de serviços cresceu 1,9% em março de 2025, décimo segundo resultado positivo consecutivo. Com isso, o volume total de serviços está 16,9% acima do patamar pré-pandemia, cujo marco é fevereiro de 2020. O acumulado no primeiro trimestre de 2025 mostrou expansão de 2,4% frente a igual período de 2024, com quatro das cinco atividades registrando taxas positivas.

Entre os setores, a contribuição positiva mais importante ficou com o ramo de *Informação e comunicação* (6,7%). Os demais avanços vieram dos *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (1,9%); dos *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (1,0%);

e dos *Serviços prestados às famílias* (1,5%). Em 12 meses, os serviços cresceram 3,0%, segundo a Pesquisa Mensal de Serviços (PMS) do IBGE.

A economia brasileira como um todo teve crescimento considerado forte em 2024, diante do contexto macroeconômico favorável. Já para 2025, a expectativa é que comecem a aparecer sinais de desaceleração entre os setores. No último trimestre do ano passado, os serviços já vinham mostrando certo arrefecimento: desde novembro, foram três meses sem apresentar resultados positivos. Mas, o setor retomou o crescimento em fevereiro, e segue com resultado positivo em março, o que adia as expectativas de desaceleração para os próximos trimestres do ano.

De acordo com Rodrigo Lobo, gerente da pesquisa do IBGE:

As flutuações do setor de serviços são naturais e os resultados negativos recentes, como o de novembro de 2024 e o de janeiro de 2025, não podem ser vistos como momentos de inflexão ou de reversão de trajetória. Há, ao contrário, a sustentação do setor de serviços em um patamar elevado, muito próximo do seu nível recorde⁹ (Com variação..., 2025).

O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA)¹⁰ realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)¹¹ estimou uma safra nacional recorde de 328,4 milhões de toneladas de cereais, leguminosas e oleaginosas. Assim como na Conab, a estimativa também é de crescimento, com produção 12,2% superior à safra obtida em 2024. E a área colhida de 81,0 milhões de hectares (ha) é 2,5% maior que a área em 2024. A expansão no rendimento principalmente das lavouras de soja, milho e algodão explicam a expansão da produção agrícola brasileira na safra 2025.

9 Ver a respeito: COM variação de 0,3% em março, setor de serviços registra segundo resultado positivo seguido. *Agência IBGE. Notícias. Pesquisa Mensal de Serviços*. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43382-com-variacao-de-0-3-em-marco-setor-de-servicos-registra-segundo-resultado-positivo-seguido>. Acesso em: 14 maio 2025.

10 LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, abr. 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2025_abr.pdf. Acesso em: 20 maio 2025.

11 Refere-se ao terceiro levantamento divulgado pelo IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

Segundo Carlos Guedes, gerente de agricultura do IBGE:

Em 2024, tivemos uma série de problemas climáticos afetando as principais lavouras do Brasil. Em 2025, temos uma safra de recuperação, com o clima muito melhor para o desenvolvimento das lavouras. Os problemas observados no ano passado afetaram, principalmente, a Região Centro-Oeste¹² (IBGE estima..., 2025).

A desaceleração dos setores diante de uma conjuntura desafiadora, com taxas de juros elevadas, câmbio depreciado e elevação da inflação não impediu a geração de empregos formais, agora em um ritmo mais lento, com queda de 9,8% em relação ao primeiro trimestre de 2024.

Conforme dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) do Ministério do Trabalho e Emprego, os números que abarcam o setor privado com carteira assinada apresentaram, no primeiro trimestre, saldo positivo em 654.503 empregos, evidenciando os efeitos da redução da atividade econômica, com o mês de março registrando o menor saldo dos últimos três anos. Ao fim de março de 2025, o Brasil tinha saldo de 47,86 milhões de empregos com carteira assinada, um aumento de 3,5% na comparação com março de 2024 (46,24 milhões).

Os números do Caged mostraram que, no primeiro trimestre de 2025, foram criados empregos formais nos quatro dos cinco setores da economia. O setor de serviços foi o que mais contratou ao longo do trimestre, com 363 mil empregos formais criados. A indústria em geral foi o segundo grupo com maior crescimento de vagas, onde foram criados 154 mil postos.

O comércio foi o único setor a registrar saldo negativo de 13,6 mil empregos perdidos. O dado é justificado pela desaceleração do setor no primeiro trimestre, diante de fatores macroeconômicos adversos.

O Ministério do Trabalho também informou que o salário médio de admissão foi de R\$ 2.225,17 em março deste ano, o que representa alta real de 1,3% na comparação com março do ano passado, cujo valor foi de R\$ 2.195,92.

A taxa de desocupação, medida pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), divulgada pelo IBGE, encerrou o primeiro trimestre de 2025 com 7,0%. Cresceu 0,8 p.p. frente ao trimestre anterior (6,2%). Mesmo com esse aumento, na comparação trimestral, essa foi a menor taxa de desocupação para um trimestre encerrado em março em toda a série

¹² Ver a respeito: IBGE estima safra recorde em 2025 com 328,4 milhões de toneladas. *Agência gov, Agricultura*,. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202505/estimativa-de-abril-indica-safra-recorde-de-328-4-milhoes-de-toneladas-em-2025>. Acesso em: 15 maio 2025.

histórica da PNAD Contínua. A alta da desocupação na comparação trimestral foi puxada pelo aumento no número de pessoas em busca de trabalho, a chamada população desocupada, que cresceu 13,1% frente ao trimestre encerrado em dezembro de 2024.

Adriana Beringuy, coordenadora de pesquisas domiciliares do IBGE, destacou que:

O bom desempenho do mercado de trabalho nos últimos trimestres não chega a ser comprometido pelo crescimento sazonal da desocupação. Mesmo com expansão trimestral, a taxa de desocupação do 1º trimestre de 2025 é menor que todas as registradas nesse mesmo período de anos anteriores¹³ (Desocupação..., 2025).

O rendimento médio das pessoas ocupadas chegou a R\$ 3.410, novo recorde na série iniciada em 2012, com alta de 1,2% no trimestre e de 4,0% na comparação anual. Entre os grupamentos de atividade investigados pela pesquisa, a comparação com o trimestre encerrado em dezembro de 2024 mostra aumento no rendimento da *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* (4,1%) e *Administração pública, defesa, seguridade social, educação, saúde humana e serviços sociais* (3,2%), sem variações significativas nos demais grupamentos.

Os resultados das pesquisas mensais do IBGE mostraram estabilidade na indústria geral (0,1%); aumento de 1,8% para o comércio ampliado; e uma leve queda de -0,2% no setor de serviços no primeiro trimestre frente ao quarto trimestre de 2024. Diante desses resultados, o PIB pelo lado da produção no primeiro trimestre ainda registrou uma taxa expressiva de 1,4%, puxado pela agropecuária, que cresceu 12,2%, queda na indústria de -0,1% e estabilidade no setor de serviços com 0,3%.

Pela ótica da demanda, o consumo das famílias no primeiro trimestre de 2025, em relação ao quarto trimestre de 2024, cresceu 1,0%, impactado pelo mercado de trabalho aquecido e crescimento da massa de rendimento real, que compensou a inflação de alimentos e a alta da taxa de juros. A formação bruta de capital fixo variou 3,1% e a despesa de consumo do governo cresceu 0,1%. No setor externo, na mesma comparação, as exportações de bens e serviços aumentaram 2,9%, enquanto as importações de bens e serviços mostraram variação positiva de 5,9%.

Pelo lado da produção, em relação ao primeiro trimestre de 2024, a agropecuária registrou aumento expressivo de 10,2%, que pode ser explicada pelo desempenho positivo de alguns produtos com safra relevante no trimestre e pelo aumento da produtividade.

¹³ Ver a respeito: DESOCUPAÇÃO chega a 7,0% no trimestre encerrado em março, menor taxa da série para o período. PNAD Contínua Mensal. Agência IBGE Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43223-desocupacao-chega-a-7-0-no-trimestre-encerrado-em-marco-menor-taxa-da-serie-para-o-periodo>. Acesso em: 30 abr. 2025.

A indústria avançou 2,4%, com todos os segmentos se expandindo, como a *Indústria de transformação* que cresceu 2,8% e a atividade de *Construção* que avançou 3,4%. Os *Serviços* cresceram 2,1%, impulsionados pelas contribuições de *Informação e comunicação* (6,9%), *Atividades imobiliárias* (2,8%) e *Comércio* (atacadista e varejista) com a taxa de 2,1%.

Os componentes da demanda interna no primeiro trimestre em relação ao mesmo trimestre de 2024 apresentaram resultados positivos, com destaque para o *Consumo das famílias* que cresceu 2,6%, favorecido pela continuidade da melhora no mercado de trabalho, pelos programas governamentais de transferência de renda e aumento do crédito; o *Consumo do governo* que aumentou (1,1%); e a *Formação bruta de capital fixo* que teve expansão de 9,1%, devido ao aumento dos segmentos de máquinas e equipamentos e da construção.

No setor externo, as *Exportações de bens e serviços* registraram leve aumento de 1,2%, enquanto as *Importações de bens e serviços* cresceram de maneira expressiva com taxa de 14,0%, devido ao aumento das compras de máquinas e equipamentos e outros materiais de transporte.

Em linhas gerais, os números do PIB do primeiro trimestre de 2025 foram bons, apenas a indústria sinalizou para uma desaceleração pela estabilidade na taxa em relação ao quarto trimestre de 2024 (-0,1%). O resultado mostrou uma aceleração significativa em relação ao crescimento revisado de 0,1% do último trimestre de 2024, mas um pouco abaixo das expectativas do mercado, que previam um avanço de 1,5%.

Diante desse cenário, o Fundo Monetário Internacional (FMI) revisou as previsões para 2025 para um cenário de desaceleração, reduzindo a previsão de crescimento do Brasil para 2,0% em 2025 e em 2026, marcando uma diminuição de 0,2 ponto percentual em relação à projeção divulgada em janeiro para os dois períodos. A projeção do FMI sinalizou uma desaceleração para a economia brasileira em relação a 2024, quando o país cresceu 3,4%.

A redução nas projeções para o Brasil reflete, em grande parte, os efeitos das políticas monetária, fiscal e a incerteza sobre o desempenho da economia mundial diante das políticas adotadas pelo governo americano sob a administração de Donald Trump.

Assim, para o PIB de 2025, a expectativa, por ora, é de uma taxa menor que a de 2024. Analistas do mercado projetam um avanço de 2,14% para o PIB e 5,5% para a inflação, segundo a mediana da edição do boletim *Focus*, publicada (em 23 de maio) pelo BC. Os juros de 14,75% estão num patamar contracionista sem previsão de queda, diante da inflação acima da meta de 3,0%.

O crescimento dos investimentos deve estar ligado ao desempenho da construção pesada e da indústria de transformação em que a taxa de juros tem papel fundamental. Para estimular o consumo, o governo federal adotou algumas medidas, como o empréstimo consignado com

garantia do FGTS, entre outros pontos, que devem contribuir para manter o nível de consumo das famílias nos próximos trimestres, embora o cenário internacional seja uma variável decisiva para a expansão do PIB nesse período.

Cenário estadual

A economia baiana surpreendeu no primeiro trimestre com desempenho acima do esperado na agropecuária, indústria geral e no setor de serviços. Com base nas pesquisas mensais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a atividade econômica da Bahia, no primeiro trimestre, apresentou crescimento na indústria geral, estabilidade no comércio varejista, expansão nos serviços e aumento expressivo na produção de grãos, em comparação com o mesmo trimestre de 2024. As exportações no mesmo período registraram queda diante da instabilidade no comércio exterior.

A expansão dos serviços foi impulsionada pelo volume das atividades turísticas na Bahia e pela geração de empregos. Quando comparado com o primeiro trimestre do ano de 2024, marcou expansão de 8,9%. Por outro lado, a inflação e a elevação da taxa de juros no primeiro trimestre do ano funcionaram como amortecedores, impedindo uma expansão maior na atividade econômica.

A indústria baiana, com base no indicador da produção física ajustado sazonalmente, registrou aumento de 2,6% no primeiro trimestre em relação ao quarto trimestre de 2024, segundo resultado positivo consecutivo.

Na análise trimestral, com ajuste sazonal, o comércio varejista perdeu o ritmo, com queda 0,4%. A inflação dos alimentos e a alta dos juros foram determinantes para esta queda no setor. O setor de serviços, que havia apresentado recuperação mais significativa no pós-pandemia, registrou estabilidade no primeiro trimestre em relação ao quarto trimestre (0,1%), mostrando uma desaceleração diante do elevado crescimento do setor nos últimos anos.

Em relação ao primeiro trimestre de 2024, os resultados foram positivos. A produção física da indústria baiana registrou crescimento de 2,4%, depois de crescer 1,7% no terceiro trimestre. As vendas do varejo baiano recuaram 0,5%, e o volume de serviços marcou crescimento de 2,4%. As vendas externas da Bahia alcançaram US\$ 2,5 bilhões, com uma queda de 3,6%, puxada pelas oscilações nos preços das *commodities*, no volume de embarques e com cenário internacional de incerteza.

Nessas duas comparações temporais, observa-se que houve uma perda de ritmo na atividade econômica, principalmente no comércio e serviços. Em relação ao primeiro trimestre de 2024, a indústria e serviços cresceram e o comércio varejista sinalizou desaceleração diante

dos efeitos adversos da inflação e dos juros. As exportações caíram pela retração nos preços das *commodities*, incerteza e imprevisibilidade no cenário econômico internacional.

A oscilação em alguns setores da atividade econômica não impediu a expansão do mercado trabalho. No primeiro trimestre de 2025, de acordo com os dados do Caged, o montante de empregos formais no estado se ampliou, fruto do surgimento de 36.660 novos postos de trabalho. Ao fim do primeiro trimestre de 2025, a Bahia passou a contar com 2.168.537 vínculos celetistas ativos, o que significou uma elevação de aproximadamente 1,43% sobre o quantitativo de 2.137.877 empregos computados no início do ano (estoque de referência). Dessa forma, ao término do referido trimestre, a Bahia concentrava 27,20% e 4,53% do total de empregos com carteira assinada na região nordestina e no país, respectivamente.

O crescimento de empregos com carteira assinada na Bahia, no primeiro trimestre de 2025, alcançou quatro dos cinco grandes estratos setoriais. O setor de *Serviços* se destacou com o desempenho, com a contratação líquida de 19.747 trabalhadores no período. O setor de *Indústria geral*, com 5.809 novos contratos, evidencia o segundo melhor resultado entre as atividades. Em seguida, com dados positivos, vieram a *Construção* (4.138 vínculos) e a *Agropecuária* (3.448 vagas). Portanto, o *Comércio* foi o único com encolhimento do nível de emprego, contabilizando uma perda líquida de 2.481 postos.

A geração de empregos contribuiu para que a taxa de desocupação se reduzisse. De acordo com o levantamento da Pesquisa Nacional por amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Bahia, a taxa trimestral de desocupação ficou em 10,9% no primeiro trimestre de 2025. Trata-se do menor índice para um primeiro trimestre desde o início da série. Em relação à média de meses de 2024, quando o indicador havia sido estimado em 14,0%, houve decréscimo, com a taxa mais recente ficando 3,1 pontos percentuais abaixo de 2024.

Em resumo, as pesquisas mensais referentes ao primeiro trimestre mostraram que os resultados positivos para a indústria geral, serviços, geração de emprego formal e, principalmente, o excelente desempenho da safra de grãos contribuíram positivamente para que o PIB da Bahia, calculado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), expandisse 0,9%, quando comparado ao trimestre anterior. No primeiro trimestre de 2025, em relação ao mesmo período de 2024, registrou-se crescimento de 3,2%, acima da taxa do Brasil para o mesmo período (2,9%).

No desempenho dos setores econômicos, observa-se que os três grandes setores apresentaram crescimento. O setor industrial registrou uma expansão de 4,8%, refletindo o incremento de duas de suas atividades produtivas. A *Construção* cresceu 6,8% e a *Indústria de*

transformação, 5,9%. O setor de *Serviços* apresentou um crescimento de 2,1%, consolidando-se cada vez mais como o principal setor da economia baiana. A *Agropecuária* se destacou pela significativa taxa de crescimento, 9,7%, resultado da safra recorde de grãos, que eleva a participação do setor no PIB da Bahia.

As perspectivas para a atividade econômica, em 2025, são de desaceleração, devido à elevação dos juros, da inflação de alimentos e incerteza na economia mundial pelas medidas protecionistas do governo dos Estados Unidos. Por outro lado, a agropecuária vai contribuir positivamente com safra recorde em 2025. A geração de empregos deve continuar num ritmo mais modesto diante da conjuntura de juros elevados que retraem o investimento das empresas e a demanda do consumidor por bens duráveis. Consumidores que em boa parte se encontram inadimplentes.

O setor industrial deve apresentar resultados positivos, impulsionado pelos investimentos programados de expansão em várias atividades, como o automotivo e de infraestrutura, impactando o setor da construção.

Portanto, o PIB da Bahia, em 2025, vai continuar apresentando taxa positiva, porém em nível menor que em 2024, devidos às condições da conjuntura nacional e internacional.

AGROPECUÁRIA

Carla Janira Souza do Nascimento
carlajanira@sei.ba.gov.br

As expectativas para a safra agrícola brasileira de 2025 são positivas, favorecida pelas boas condições climáticas estabelecidas pela ação do fenômeno La Niña. De acordo com a Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), a colheita das culturas no Brasil deve atingir uma produção de grãos de 332,9 milhões de toneladas (t).¹ O volume representa um aumento de 11,9% na comparação com a temporada 2023/2024.

Por sua vez, o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA),² realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),³ estimou uma safra nacional de 328,4 milhões de toneladas de cereais, leguminosas e oleaginosas. Assim como na Conab, a estimativa também é de crescimento, com produção 12,2% superior à safra obtida em 2024. E área colhida é de 81,0 milhões de hectares (ha), 2,5% maior que a área em 2024. O aumento no rendimento, principalmente das lavouras de soja, milho e algodão, explica a expansão da produção agrícola brasileira na safra 2025.

Na Bahia, após a queda na produção de grãos em 2024, tanto o IBGE como a Conab confirmaram uma produção de grãos maior em 2025, beneficiada pelas condições climáticas favoráveis.

No que concerne ao acompanhamento da safra pela Conab, no seu oitavo levantamento para o ciclo 2024/2025, a produção baiana de grãos deve alcançar mais de 13,4 milhões de toneladas, 7,7% maior em relação ao ciclo 2023/2024.⁴

Com relação à área plantada, houve ampliação de 5,7% na mesma base de comparação, com área de 4,0 milhões de ha. Assim, o rendimento médio do conjunto das lavouras pesquisadas foi de 3,35 t/ha.

O Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo IBGE, relativo ao mês de abril de 2025, estimou uma produção de cereais, oleaginosas e leguminosas⁵ acima

1 COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra de grãos. 8º levantamento. v. 12, n. 8. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/safra-de-graos/boletim-da-safra-de-graos/8o-levantamento-safra-2024-25/boletim-da-safra-de-graos>. Acesso em: 20 maio. 2025.

2 LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, abr. 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2025_abr.pdf. Acesso em: 20 maio 2025.

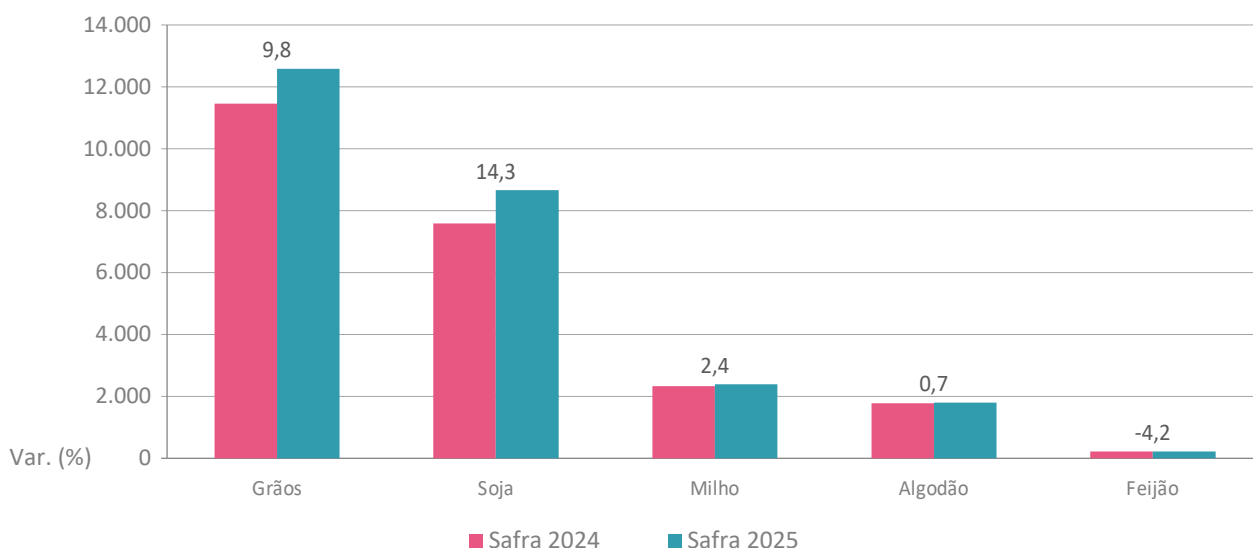
3 Refere-se ao terceiro levantamento divulgado pelo IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

4 COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO. Acompanhamento da safra de grãos. 8º levantamento. v. 12, n. 8. Disponível em: <https://www.gov.br/conab/pt-br/atuacao/informacoes-agropecuarias/safras/safra-de-graos/boletim-da-safra-de-graos/8o-levantamento-safra-2024-25/boletim-da-safra-de-graos>. Acesso em: 20 maio 2025.

5 Algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

de 12,5 milhões de toneladas, o que representa uma expansão de 9,8% na comparação com a safra de 2024, conforme ilustrado no Gráfico 1.

Gráfico 1
Estimativas da safra de grãos
Bahia – 2024/2025



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2025).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: valores em mil toneladas e variações anuais nos rótulos em percentuais.

Entre os grãos, destaca-se a produção de soja, com estimativa de 8,61 milhões de toneladas, 14,3% acima do verificado em 2024, com estimativa de ampliação da área plantada que deve ficar em 2,14 milhões de hectares (3,0% acima do observado em 2024). A produtividade da área colhida é 8,3% maior que a da safra passada. Conforme boletim da AIBA,⁶ a colheita da safra 2024/2025 de soja foi concluída na região oeste da Bahia, verificando-se um adiantamento expressivo no cronograma das operações, resultado das condições climáticas favoráveis durante o início da janela de semeadura que possibilitaram uma implantação adequada e maior uniformidade das lavouras.

As duas safras anuais do milho, estimadas pelo IBGE, devem alcançar 2,37 milhões de toneladas, o que representa crescimento de 2,4% na comparação anual. Com relação à área plantada (600 mil hectares), o IBGE apontou um decréscimo de 0,7% em relação à safra anterior. A estimativa da primeira safra anual é de 1,61 milhão de toneladas, sendo 3,7%

⁶ BOLETIM AIBA: panorama para a estimativa da produção de grãos no oeste da Bahia. Barreiras: AIBA, n. 30, 19 maio 2025. Safra 2023/24. Disponível em: file:///C:/Users/carla/Downloads/Boletim%20Safr%20Circular%20de%2019_05_2025.pdf. Acesso em: 27 maio 2025.

acima de 2024. Por sua vez, para a segunda safra (763 mil toneladas), a expectativa é de queda de 0,5% em relação à colheita do ano anterior.

De acordo com a AIBA,⁷ as projeções permanecem positivas, mesmo diante de desafios enfrentados em campo, como anomalias fitossanitárias e condições climáticas adversas. A produção de algodão (caroço e pluma) tem expectativa de acréscimo de 0,7% em relação a 2024, que, de acordo com o IBGE,⁸ pode alcançar 1,78 milhão de toneladas. A área plantada com a fibra (382 mil hectares) deve superar em 0,5% a de 2024. Segundo a Conab, o aporte hídrico favoreceu as lavouras de algodão e melhorou as condições de umidade do solo, não havendo perdas por falta de umidade. Por sua vez, os demais grãos que têm representatividade na agricultura baiana, como o feijão e o sorgo, registraram queda na produção.

Na lavoura do feijão, o IBGE espera produção de 213 mil toneladas, representando recuo de 4,2% na comparação com a safra de 2024. A área plantada (375 mil hectares) recuou 1,3% em relação àquela observada no ano anterior.

A primeira safra da leguminosa (122 mil toneladas) está estimada em 11,0% inferior à de 2024, e para a segunda safra (91 mil toneladas), estima-se variação positiva de 6,7%, na mesma base de comparação.

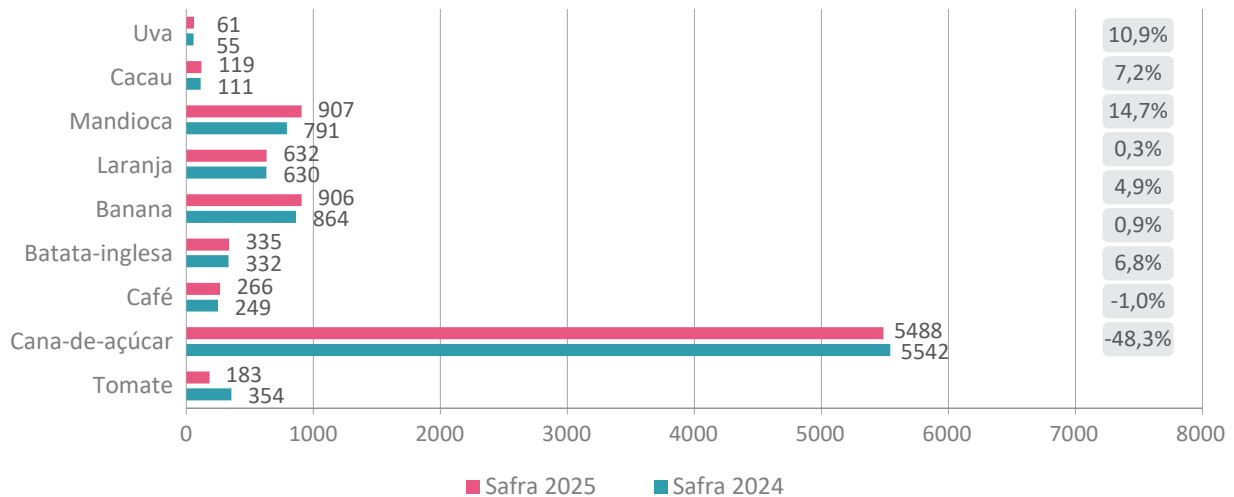
OUTRAS LAVOURAS PERMANENTES E TEMPORÁRIAS

Em 2025, para a safra de café, está prevista a colheita de 266 mil toneladas, 6,8% acima do observado no ano passado. A safra do tipo arábica alcançou 110 mil toneladas, com crescimento anual de 5,9%. Por sua vez, a safra do tipo canéfora tem previsão de 156 mil toneladas, o que corresponde a um volume 7,5% acima do ano anterior.

A estimativa para a lavoura cacaueteira é de uma safra de 119 mil toneladas, apontando aumento de 7,0% na comparação anual. A produção de cacau tem sido impulsionada pela alta demanda global e pela redução na oferta devido a problemas climáticos causados pelo El Niño e eventos fitossanitários em importantes regiões produtoras, como na Costa do Marfim. E, claro, as condições climáticas têm sido favoráveis para a lavoura cacaueteira nas regiões do Baixo Sul e Litoral Sul. Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estimou produção de 5,49 milhões de toneladas, revelando decréscimo de 1,0% em relação à safra 2024.

7 BOLETIM AIBA: panorama para a estimativa da produção de grãos no oeste da Bahia. Barreiras: AIBA, n. 30, 19 maio 2025. Safra 2023/24. Disponível em: file:///C:/Users/carla/Downloads/Boletim%20Safra%20%20Circular%2030%20de%2019_05_2025.pdf. Acesso em: 27 maio 2025.

8 LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, abr. 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2415/epag_2025_abr.pdf. Acesso em: 20 maio 2025.

Gráfico 2**Variação anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias
Bahia – 2024/2025**

Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2025).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Na fruticultura, as estimativas para as lavouras de banana (906 mil toneladas), laranja (632 mil toneladas) e uva (61 mil toneladas) são positivas, pois registraram, respectivamente, variações de 4,8%, 0,3% e 10,0% em relação à safra anterior. O levantamento do IBGE ainda indica uma produção de 907 mil toneladas de mandioca, 14,7% menor que a de 2024. A produção de batata-inglesa, de 340 mil toneladas, apresenta acréscimo de 1,7%; e a do tomate, de 183 mil toneladas, aponta alta de 48,4% na comparação com a produção do ano anterior.

Pecuária

De acordo com as estatísticas da produção pecuária do IBGE (2025),⁹ coletadas pelos sistemas de inspeção federal, estadual e municipal, para a Bahia, foram abatidas aproximadamente 326 mil cabeças de bovinos no primeiro trimestre de 2025, o que corresponde a uma alta de 1,2% na comparação com o mesmo trimestre de 2024. Já o abate de suínos (71 mil cabeças) apresentou queda na comparação trimestral de 3,3%. A aquisição de leite, por sua vez, alcançou 161 mil litros no primeiro trimestre, com expansão de 7,6% em relação ao mesmo período do ano anterior.

Os frangos abatidos no período somaram 33 milhões de cabeças, aumento de 4,7% em relação ao primeiro trimestre de 2024. A produção de ovos de galinha foi de 23 milhões de dúzias no primeiro trimestre de 2025. A produção resultou em aumento de 16,5% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

⁹ INDICADORES IBGE: estatística da produção pecuária. Rio de Janeiro: IBGE, jan./mar. 2025. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/2380/epp_2025_1tri.pdf. Acesso em: 11 jun. 2025.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento
carlajanira@sei.ba.gov.br

O cenário macroeconômico no primeiro trimestre de 2025 reflete a elevação das taxas de juros no país e também as incertezas crescentes no período, em especial devido aos efeitos das mudanças no comércio mundial promovidas pelo protecionismo dos EUA.

Nesse contexto, a indústria brasileira manteve-se estável pelo segundo trimestre consecutivo no indicador da produção física,¹ posto que registrou taxa nula no quarto trimestre, comparado ao terceiro trimestre de 2024, e taxa de 0,1% no primeiro trimestre de 2025, comparado ao quarto trimestre de 2024.

O desempenho na produção industrial do país foi acompanhado por recuo na confiança dos empresários do setor, significando que eles foram cautelosos nos primeiros meses do ano diante do cenário incerto para o futuro frente às mudanças na economia mundial. Nesse período, o Índice de Confiança da Indústria (ICI) da Fundação Getulio Vargas (FGV/IBRE) recuou 1,3 ponto percentual entre dezembro de 2024 e março de 2025, para 98,0 pontos. Segundo o especialista Stéfano Pacini da FGV:²

O aumento da incerteza global, depois das medidas do governo americano, tende a impactar negativamente o sentimento dos empresários. Além disso, o ciclo de alta da taxa de juros, em conjunto com a expectativa geral de desaceleração da economia devem refletir em um cenário difícil para a indústria em 2025, sobretudo no segundo semestre (Sondagem da indústria, 2025).

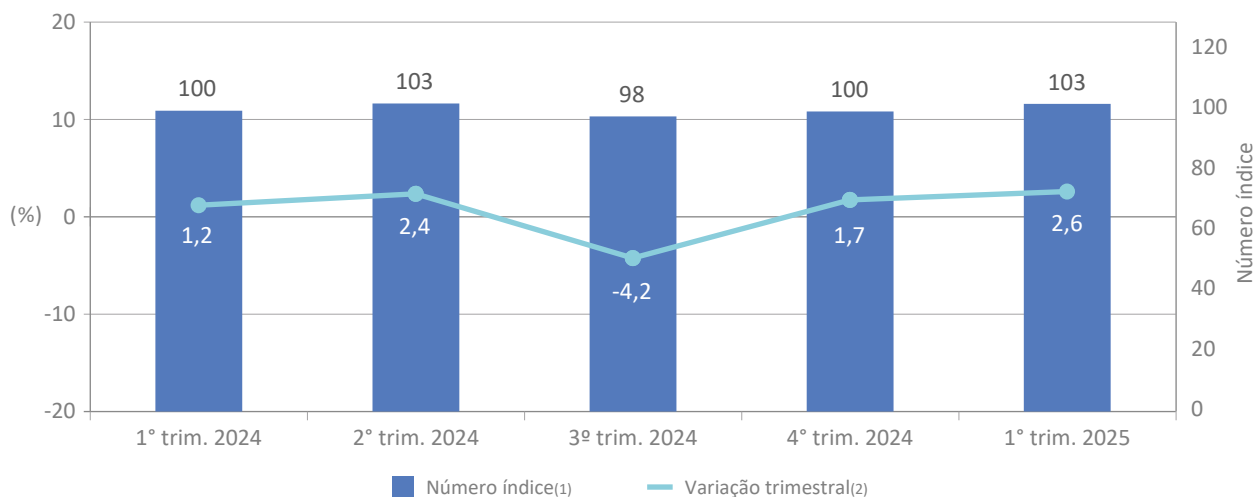
A indústria baiana, por sua vez, com base no indicador da produção física ajustado sazonalmente, avançou 2,6% no primeiro trimestre de 2025, em relação ao quarto trimestre de 2024, o qual havia apresentado acréscimo de 1,7% em relação terceiro trimestre, conforme dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM),³ evidenciando um avanço da tendência de crescimento do indicador nos primeiros meses do ano, como ilustrado no Gráfico 1.

1 Na série com ajuste sazonal.

2 SONDAGEM DA INDÚSTRIA: Índice de Confiança da Indústria. FGV/IBRE: Rio de Janeiro, abr. 2025. Disponível em: https://portalibre.fgv.br/system/files?file=divulgacao/releases/2025-04/Sondagem%20da%20Industria%20FGV_press%20release_Abr25.pdf. Acesso em: 27 maio. 2025.

3 PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL: produção física: regional. Rio de Janeiro: IBGE, mar. 2025. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Industrias_Extrativas_e_de_Transformacao/Pesquisa_Industrial_Mensal_Producao_Fisica/Fasciculos/Fasciculo_Indicadores_IBGE_Brasil/2025/pim-pf-br_202503caderno.pdf. Acesso em: 27 maio 2025.

Gráfico 1
Produção física industrial
Bahia – 1º trim. 2024-1º trim. 2025



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2025).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

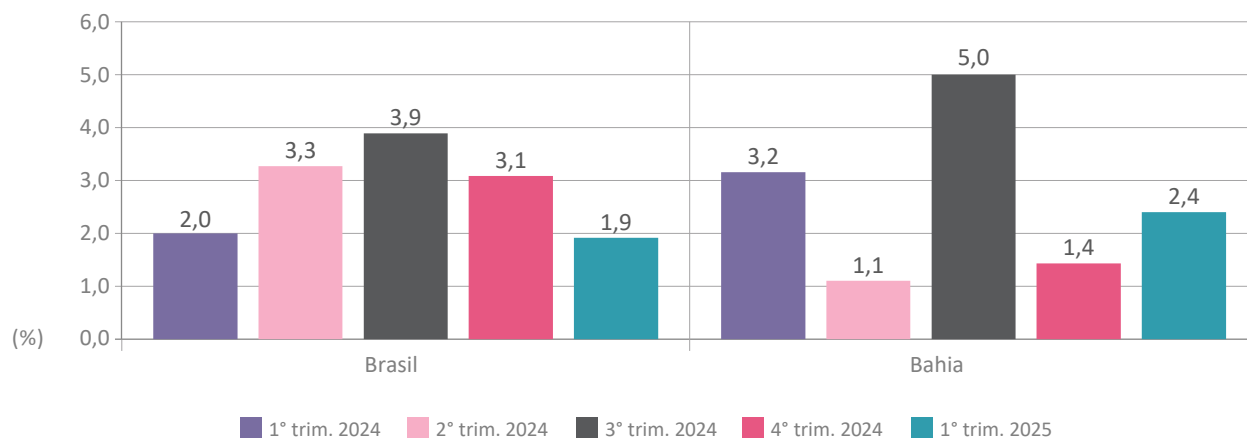
Notas: (1) Número índice ajustado sazonalmente.

(2) Variação no trimestre em relação ao trimestre exatamente anterior. Dados ajustados sazonalmente.

De outro ponto de vista, no período de janeiro a março de 2025, a produção física da indústria baiana registrou um movimento ascendente, passando de 1,4% para 2,4%, na comparação com o mesmo período de 2024 (Gráfico 2). Para efeito de comparação, no mesmo período, a produção industrial do país registrou desaceleração para a taxa de 1,9%, após apresentar, no quarto trimestre de 2024, aumento com taxa de 3,1% em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

A principal contribuição positiva no primeiro trimestre para o setor nacional veio de bens duráveis (11,6%), seguido por bens de capital (5,2%). No setor de bens intermediários observou-se avanço de 1,3%, e em bens de consumo semi e não duráveis registrou leve acréscimo de 0,6%.

Gráfico 2
Produção física industrial
Brasil e Bahia – 1º trim. 2024-1º trim. 2025



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2025).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: Variação no trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Na análise dos segmentos da indústria baiana, observa-se crescimento em seis das 11 atividades no primeiro trimestre de 2025. Os dados estão ilustrados no Gráfico 3.

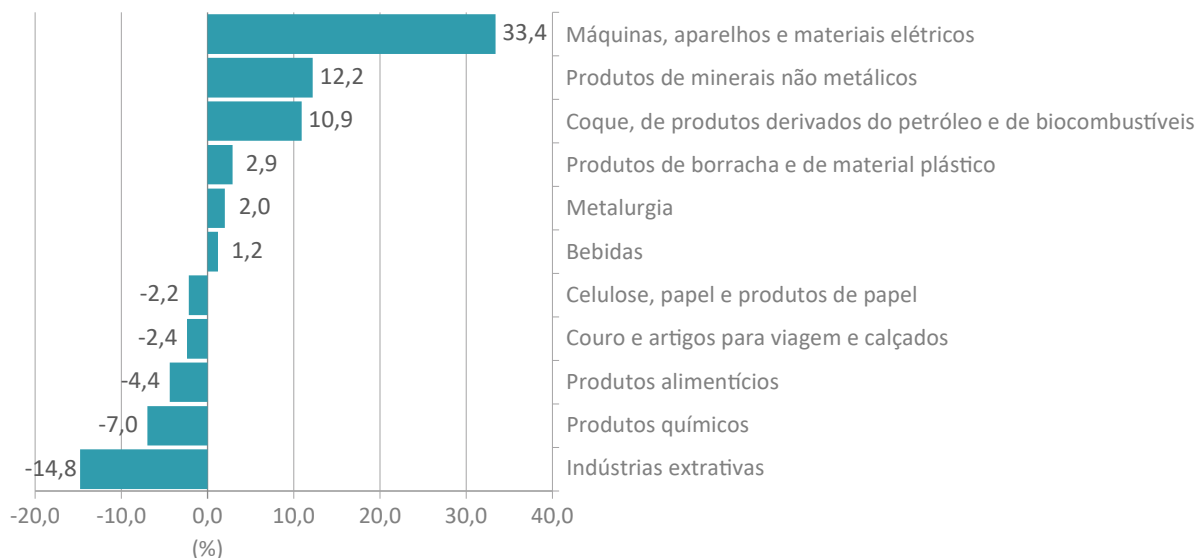
No trimestre, entre os segmentos que mais influenciaram o resultado positivo da indústria de transformação baiana, com aumento de 3,5%, destaca-se o setor de *Derivados de petróleo*, que registrou avanço na produção de 10,9%, principalmente devido ao aumento no processamento de óleo diesel, óleo combustível, nafta e querosene de aviação.

Já o setor de *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos* registrou avanço de 33,4% no trimestre, atribuído, principalmente, à maior produção de eletrodomésticos.

O segmento de *Produtos de borracha e material plástico*, com avanço de 2,9% no período, teve o desempenho influenciado, principalmente, pelo aumento na produção de pneus e embalagens plásticas.

A produção de *Minerais não metálicos* expandiu-se 12,2% no período. Houve avanço, principalmente, na fabricação de massa de concreto e outros insumos para o setor da construção. O desempenho do setor reflete o crescimento de obras civis de empreendimentos imobiliários subsidiados pelo governo federal. Há expectativas de que as medidas do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) promovam todo o setor da construção, impulsionando ainda mais a produção do segmento ao longo do ano, mesmo diante das incertezas dos empresários diante da conjuntura de aperto no mercado de crédito, atrelado às elevadas taxas de juros que impactam o setor da construção.

Gráfico 3
Produção física da indústria por setores de atividade
Bahia – 1º trim. 2025



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2025).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: variação percentual acumulada no período em relação ao mesmo período do ano anterior.

A indústria metalúrgica registrou taxa trimestral de 2,0%, sobretudo pela maior produção de ferrocromo e arames e fios de aço carbono. No período, as vendas externas do setor metalúrgico recuaram 5,1% e os preços médios do setor reduziram 17,5%,⁴ porém houve acréscimo no volume de vendas do segmento em 15,0% no período, especialmente de ligas de ferrocromo.

A indústria de bebidas cresceu 1,2% no período, impactada pela maior produção de refrigerantes, em razão do maior consumo durante o verão e dos eventos do período.

A principal contribuição negativa no trimestre veio de *Produtos químicos*, principalmente em razão da menor fabricação de bens químicos de uso industrial. De modo geral, o segmento foi afetado pela menor demanda externa e pela entrada de novas capacidades de produção, especialmente de PVC – policloreto de vinila, em outros países. Houve também aumento nos custos de matérias-primas – da nafta e do gás natural – via o maior preço do petróleo, impactado pelo cenário geopolítico. No mercado externo, esse segmento continua enfrentando dificuldades para competir, o que tem provocado paralisação de unidades produtivas dentro do estado.

⁴ DESEMPENHO do comércio exterior baiano. *Boletim de Comércio Exterior da Bahia*, Salvador, mar. 2025. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/images/releases_mensais/pdf/bce/bce_dez_2024.pdf. Acesso em: 27 maio 2025.

No segmento de *Produtos alimentícios* foi observada retração de 4,4%. A queda na produção do segmento de alimentos está atribuída, em especial, à menor transformação de derivados do cacau.

O segmento de *Celulose e papel* recuou 2,2% no período. O desempenho foi afetado, principalmente, pela queda na produção de celulose. No trimestre, ocorreu uma parada geral programada para manutenção em uma das unidades produtoras no estado, o que levou à redução da produção no período.

Na indústria de *Couro e calçados*, o decréscimo de 2,4% do setor deu-se especialmente pela queda na produção de couros e calçados sintéticos.

A *Indústria extrativa* apresentou declínio de 14,8% no período, principalmente em decorrência da redução na produção de gás natural e minérios de cobre bruto.

As expectativas para o ano de 2025 são de continuidade do crescimento, mormente na produção dos setores mais tradicionais como derivados de petróleo, alimentos e bebidas, beneficiados pelo aumento da massa de rendimento da população ocupada.

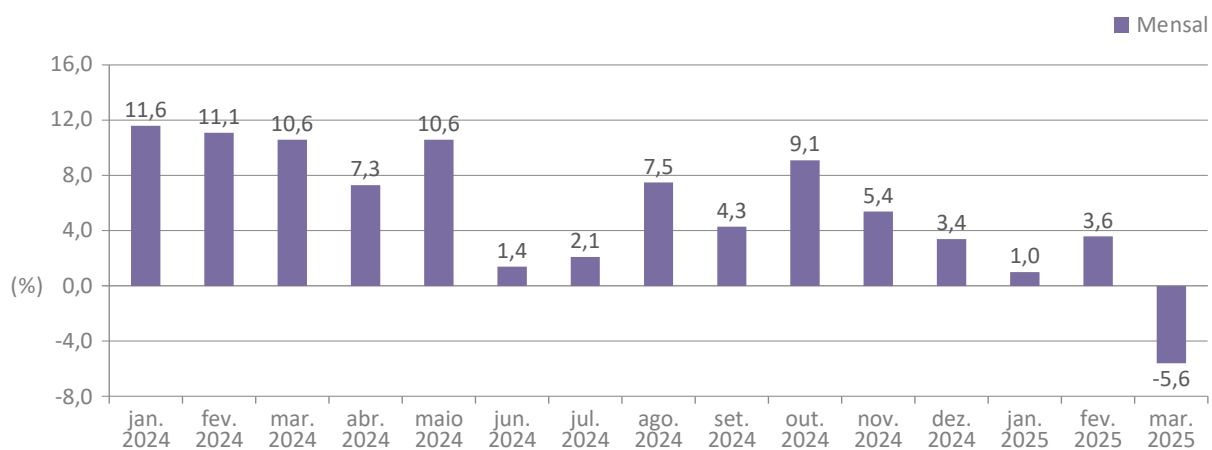
Por outro lado, o cenário internacional incerto, face aos riscos geopolíticos e à economia global aquecida, pode pressionar a inflação, via os preços do petróleo, o fluxo comercial e a taxa de juros, pressionando os custos de toda a cadeia produtiva industrial.

Comércio Varejista

Elissandra Alves de Britto
elissandra@sei.ba.gov.br

O volume de vendas do comércio varejista na Bahia perdeu ritmo no primeiro trimestre de 2025, comparado a igual período de 2024. As taxas mensais apresentadas pelo varejo ao longo dos três primeiros meses deste ano, quando comparadas às de igual período do ano passado, evidenciaram comprometimento no dinamismo do setor (Gráfico 1).

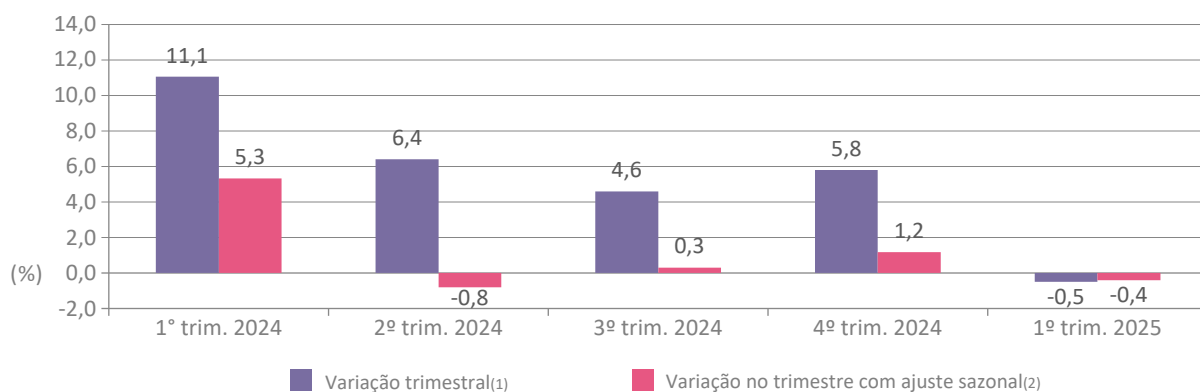
Gráfico 1
Volume de vendas do comércio varejista
Bahia – 2024-2025



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Comércio (2025).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

No trimestre, as vendas do varejo baiano em relação a igual período do ano anterior se mostraram estáveis (-0,5%), com tendência de queda. O mesmo foi observado na análise sazonal (-0,4%) (Gráfico 2). Nesse primeiro trimestre, a inflação dos alimentos e a alta dos juros foram determinantes para o comportamento do setor. Assim, apesar do saldo de operação de crédito positivo e aquecimento no mercado de trabalho, com massa de rendimentos real dos ocupados crescendo 5,7% no trimestre, as vendas do setor não foram impulsionadas.

Gráfico 2
Volume de vendas do comércio varejista
Bahia – 1º trim. 2024-1º trim. 2025



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio (2025).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação do trimestre em relação ao trimestre anterior. Dados ajustados sazonalmente.

No período de janeiro a março, a inflação verificada na Região Metropolitana de Salvador justificou o tímido comportamento das vendas. Em fevereiro, o índice alcançou a taxa de 1,38%, pressionado pela alta dos preços no grupo de *Habitação* (5,30%), *Educação* (4,64%) e *Alimentação e bebidas* (1,12%). O custo de vida mais alto associado ao endividamento das famílias resultaram num comportamento mais contido do consumidor baiano.

Segundo a Pesquisa da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), o indicador antecedente da Intenção de Consumo das Famílias (ICF) mostrou, no período de janeiro a março, uma tendência de queda. No mês de janeiro, a pesquisa indicava acréscimo do nível de consumo de 1,0% com ajuste sazonal; já em março foi registrado queda de -1,8%.¹

Esse desaquecimento é justificado pelo comportamento de alguns componentes do ICF com destaque para *Perspectiva de consumo* e *Momentos para duráveis*. Este último foi reflexo do comportamento da taxa de juros que comprometeu a compra de produtos com maior valor agregado.

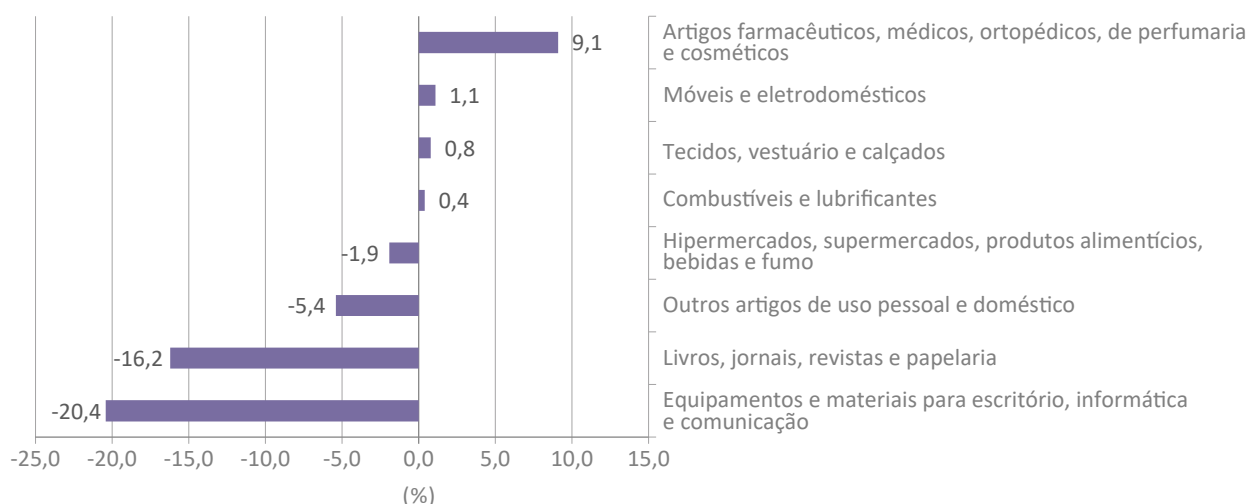
Outro fator observado é a inadimplência. De acordo com os dados do Bacen (2025), o número de pessoas físicas e jurídicas que deixaram de honrar os seus compromissos em março de 2025 na Bahia cresceu 3,9%. Esse cenário comprometeu o avanço das vendas do setor, trazendo preocupação, na medida que a elevação dos preços em grupos estratégicos

¹ Ver a respeito: PESQUISA CNC. ICF - Brasil. Intenção de Consumo das Famílias – ICF. Disponível em: <https://pesquisascnc.com.br/pesquisa-icf/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

como *Alimentos e bebidas* continuarem a retrair o poder de compra do trabalhador, as taxas de juros continuarem subindo e fatores impulsionadores como o investimento se retraírem.

Na análise dos segmentos que compõem o comércio varejista restrito, foi observado que quatro apresentaram retração nos negócios no primeiro trimestre de 2025, são eles: *Equipamentos e materiais para escritório, informática e comunicação* (-20,4%), *Livros, jornais, revistas e papelaria* (-16,2%), *Outros artigos de uso pessoal e doméstico* (-5,4%) e *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (-1,9%). Já *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (9,1%), *Móveis e eletrodomésticos* (1,1%), *Tecidos, vestuário e calçados* (0,8%) e *Combustíveis e lubrificantes* (0,4%) registraram expansão nas vendas (Gráfico 3).

Gráfico 3
Volume de vendas das atividades do comércio varejista(1)
Bahia – 1º trim. 2025



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Comércio (2025).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

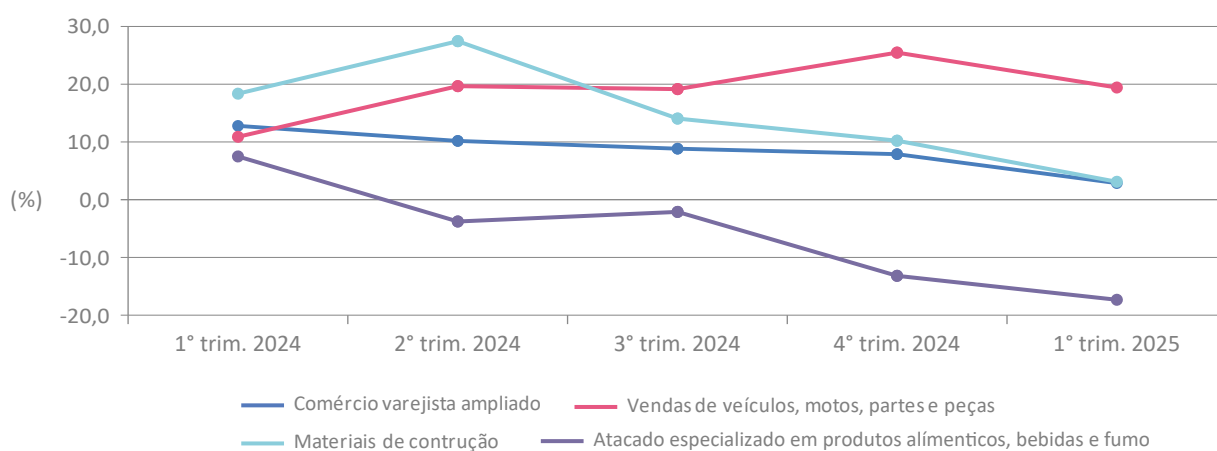
Dentre as variações negativas, destaca-se o comportamento de *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo*, segmento de maior peso para o indicador de volume de vendas do comércio varejista e *Outros artigos de uso pessoal e doméstico*. O primeiro se justifica pela pressão dos preços, dada a representatividade dos bens essenciais comercializados, apesar da melhoria do emprego com aumento na taxa de ocupação (51,5%) e elevação da massa real de rendimento efetivamente recebido (5,7%). Já o segundo comercializa bens de menor valor agregado, tendo suas vendas influenciadas pelo maior comprometimento da renda do consumidor.

Por outro lado, dentre os segmentos que tiveram contribuições positivas ressalta-se *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos*, que avançou as vendas em 9,1% no trimestre analisado. O comportamento desse negócio aponta para o alcance de um nível de estabilidade no consumo, haja vista que a atividade comercializa bens inelásticos.

No comércio varejista ampliado, que inclui o varejo restrito e mais as atividades de *Veículos, motocicletas, partes e peças, Materiais de construção e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo*, a retração no trimestre foi de -2,5% em relação a igual período do ano anterior. Na mesma comparação, verifica-se que a taxa no país foi positiva em 1,1%.

Quanto às demais atividades que compõem o varejo ampliado, observa-se que a atividade de *Veículos, motocicletas, partes e peças* expandiu suas vendas no trimestre em 17,3%, ao passo que *Materiais de construção e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* apresentaram recuos de -2,3% e -26,8%, respectivamente (Gráfico 4).

Gráfico 4
Volume de vendas do comércio varejista ampliado
Bahia – 1º trim. 2024-1º trim. 2025



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Comércio Varejista (2025).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nesse contexto, o destaque positivo no período ficou por conta de *Veículos, motocicletas, partes e peças*, que registrou ritmo de crescimento aquecido. Essa atividade teve suas vendas impulsionadas em razão do aumento de crédito na modalidade financiamento.

Entretanto, o comportamento de *Materiais de construção e Atacado especializado em produtos alimentícios, bebidas e fumo* foi determinante para a retração nas vendas apresentada pelo varejo ampliado. O primeiro, tratando-se de um ramo influenciado pela renda e principalmente pelo crédito na modalidade de cartão de crédito, perdeu ritmo a partir do terceiro trimestre

de 2024, sugerindo que ante a elevação dos preços de alguns produtos e da taxa de juros, os consumidores estão mais cautelosos na aquisição de produtos comercializados pela atividade. Já o segundo ficou sujeito às variações de preços dos alimentos no mercado, assim como à disponibilidade de renda do consumidor.

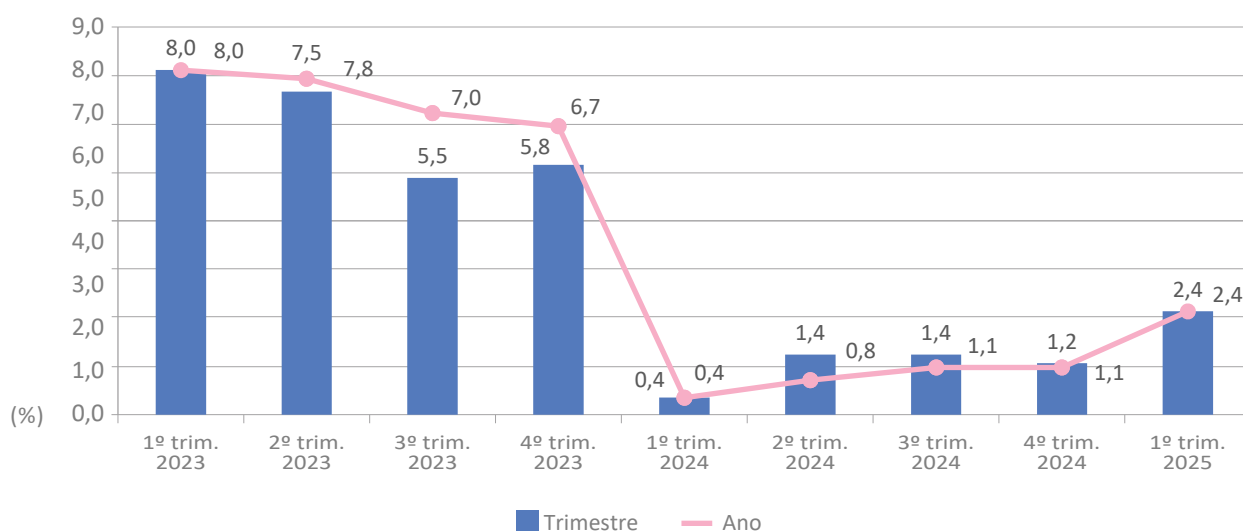
Nesse aspecto, os dados apresentados pela pesquisa sobre comércio varejista, no primeiro trimestre de 2025, confirmam a expectativa de que o setor não manteria a mesma dinâmica verificada nos trimestres anteriores, dada a inexistência dos incentivos verificados no primeiro trimestre de 2024, a exemplo dos precatórios. Bem como, a manutenção da trajetória de expansão da inflação e dos juros. Nesse aspecto, o comportamento do setor no segundo trimestre deverá ser modesto, apesar da comemoração da Semana Santa e dos festejos juninos.

Serviços

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o primeiro trimestre do ano anterior, registrou crescimento de 2,4%, mantendo a aceleração iniciada no segundo trimestre de 2021 (28,4%). Essa é a décima sexta taxa positiva consecutiva para esse tipo de comparação. Cabe destacar que essa variação seguiu a mesma tendência que a média nacional (2,4%) (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume de serviços(1)(2)
Bahia – 1º trim. 2023-1º trim. 2025



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Nesta análise, quatro das cinco atividades alavancaram o volume de serviços na Bahia, com destaque para *Outros serviços* (13,0%), com a variação mais expressiva, seguida por *Serviços profissionais, administrativos e complementares* (9,5%), *Serviços prestados às famílias* (3,0%) e *Serviços de informação e comunicação* (0,1%). Por sua vez, apenas o segmento de *Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio* (-1,5%) recuou.

Figura 1
Volume de serviços, por unidades da Federação(1)
Bahia – 1º trim. 2025/1º trim. 2024



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Na comparação nacional, 19 das 27 unidades contribuíram positivamente para o resultado nacional (2,4%). As variações mais expressivas em termos regionais ocorreram em Rio Grande do Norte (7,5%), Sergipe (7,0%) e Distrito Federal (6,5%). Nessa comparação, a Bahia (2,4%) contabilizou a 14ª posição entre os locais investigados. Já o Rio Grande do Sul (-11,0%), Roraima (-5,2%) e Acre (-4,4%) marcaram os principais recuos do período (Figura 1).

Seguindo a mesma tendência do volume, confirmando o bom desempenho do setor, segundo as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Previdência, sistematizadas pela SEI, no primeiro trimestre do ano de 2025, na Bahia, o setor de serviços contabilizou 19.747 novos postos de trabalho com carteira assinada. Esse resultado é superior em relação aos outros setores (*Agropecuária, Comércio, Construção e Indústria*) e em relação ao mesmo período do ano passado, em que havia 17.929 novos empregos celetistas.

Segundo a Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia (Sefaz), o Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) do setor de serviços no estado totalizou perto de R\$ 1,2 bilhões no primeiro trimestre de 2025, com expansão nominal de 3,6% em relação ao ano anterior, o

que representa uma ampliação de mais de R\$ 43 milhões na arrecadação do Estado, puxada pela atividade de *Outros serviços* (80,5%).

Com esse cenário, a perspectiva para os próximos meses é de manutenção de uma taxa positiva, mas modesta no volume de serviços, pois as pesquisas de sondagens empresariais até o momento divulgadas apontam para essa direção. Como pode ser confirmada pela expectativa da sondagem empresarial referente ao mês de maio da FGV.¹ Conforme a sondagem empresarial da FGV, o Índice de Confiança de Serviços (ICS) do FGV/IBRE subiu 1,5 ponto em maio, para 91,9 pontos, após ter registrado queda no mês passado. Na média móvel trimestral, o índice variou 0,1 ponto.

Após um resultado negativo no mês passado, a confiança de serviços volta a subir em maio, influenciada, principalmente, pela compensação nas expectativas futuras do setor que voltam a subir. Por outro lado, o resultado dos indicadores sobre a demanda presente é modesto e heterogêneo, oscilando nos últimos meses, sobretudo no setor de serviços prestados às famílias. Mesmo com o aquecimento do mercado de trabalho no primeiro trimestre, a tendência da confiança de serviços ainda não reverteu, apenas reduziu a queda. O cenário macroeconômico segue incerto para as empresas que podem se deparar com um segundo semestre de desaceleração da atividade e um ambiente que aponta para pressões nos preços, política monetária contracionista e aumento da incerteza econômica (Stéfano Pacini, 2025 *apud* Sondagem..., 2025).

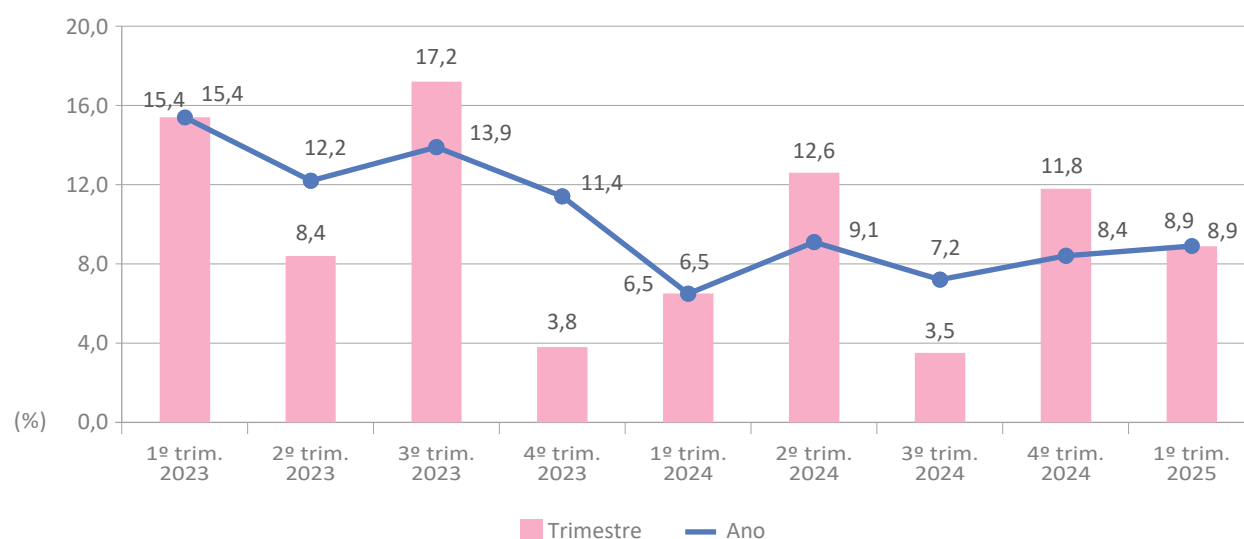
1 Ver a respeito: Confiança de Serviços sobe em maio. Disponível em: https://portalibre.fgv.br/system/files?file=divulgacao/releases/2025-05/Press%20Release_ICS_mai25.pdf. Acesso em: 13 jun. 2025.

TURISMO

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas¹ na Bahia, quando comparado com o primeiro trimestre do ano de 2024, marcou expansão de 8,9%, mantendo a aceleração iniciada no segundo trimestre de 2021 (177,6%). Essa é a décima sexta taxa positiva para esse tipo de comparação (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume das atividades turísticas(1)(2)
Bahia – 1º trim. 2023-1º trim. 2025



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

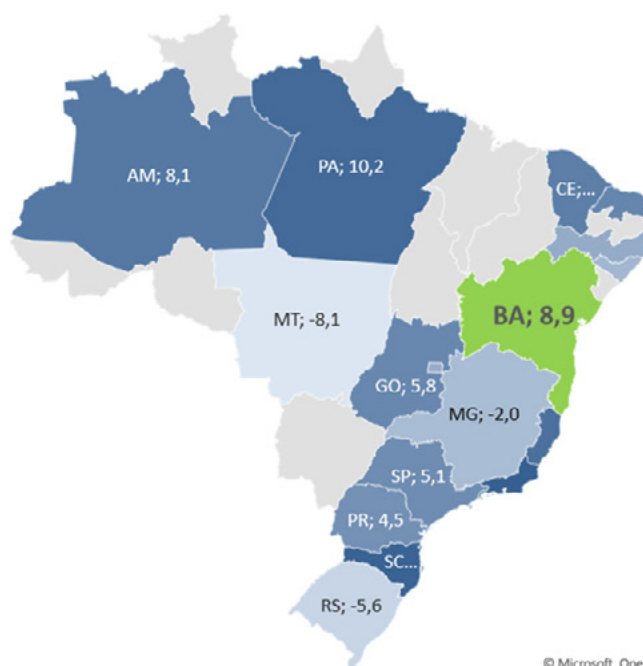
(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

O volume do agregado especial das atividades turísticas no Brasil cresceu 5,4% no primeiro trimestre do ano de 2025, frente a igual período de 2024. Regionalmente, 14 dos 17 locais pesquisados mostraram avanço nos serviços voltados ao turismo. Com destaque, em termos de variações mais expressivas, para o Rio de Janeiro (11,8%), Santa Catarina (11,3%) e Pará

¹ Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

(10,2%). Nessa comparação, a Bahia cresceu 8,9%, mantendo a tendência de crescimento apresentada no período anterior. O estado baiano apontou a quinta posição entre os locais investigados, superando a média nacional. Em sentido oposto, Mato Grosso (-8,1%), Rio Grande do Sul (-5,6%) e Alagoas (-1,2%) foram as influências negativas (Figura 1).

Figura 1
Volume de atividades turísticas(1)
Bahia – 1º trim. 2025/1º trim. 2024



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Segundo a Secretaria da Fazenda do Estado da Bahia (Sefaz), a Bahia arrecadou em Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) próximo de R\$ 1,5 bilhão, referente às atividades características do turismo no primeiro trimestre de 2025, com expansão nominal de 20,5% em relação ao ano de 2024. Esse resultado foi impulsionado por cerca de 80,0% das atividades investigadas.

Apesar do resultado positivo apresentado pelo volume e pela arrecadação das atividades turísticas, o mercado de trabalho formal não acompanhou a mesma tendência. De acordo com as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), de responsabilidade do Ministério do Trabalho e Emprego, sistematizadas pela SEI, no primeiro trimestre de 2025, na Bahia, o setor de *Turismo* suprimiu 26 postos de trabalho com carteira assinada, decorrente da diferença entre 19.210 admissões e 19.236 desligamentos. Tal

resultado, entretanto, revelou-se menos desfavorável do que o de um ano antes, já que o saldo no conjunto dos meses de janeiro a março de 2024 havia indicado a descontinuação de 731 vínculos celetistas.

No primeiro trimestre de 2025, na Bahia, dos 27 subsetores da atividade econômica do turismo,² 14 exibiram saldo negativo, 12 registraram resultado positivo e um ficou com saldo nulo. No referido intervalo, os piores resultados, com perda líquida de vagas, foram observados em *Restaurantes e outros estabelecimentos de serviços de alimentação e bebidas* (-375 postos), *Hotéis e similares* (-309 vagas) e *Transporte rodoviário coletivo de passageiros, com itinerário fixo, intermunicipal, interestadual e internacional* (-188 vínculos). Por outro lado, com os maiores saldos contabilizando mais admissões do que desligamentos tem-se *Locação de automóveis sem condutor* (+466 postos), *Transporte rodoviário de táxi* (+177 empregos) e *Transporte rodoviário coletivo de passageiros, sob regime de fretamento, e outros transportes rodoviários não especificados anteriormente* (+147 vagas).

No que diz respeito exclusivamente ao conjunto das 13 zonas turísticas do estado da Bahia, no primeiro trimestre de 2025, constatou-se a eliminação líquida de 105 empregos com carteira assinada (diferença entre 17.720 admissões e 17.825 desligamentos) – apontando, dessa maneira, uma conjuntura menos adversa em termos de saldo de postos de trabalho comparativamente àquela averiguada no mesmo trimestre do ano imediatamente antecedente, quando 745 vínculos celetistas haviam sido eliminados. Com a mesma tendência negativa, a zona turística que mais registrou retração no número de trabalhadores formais foi a Costa do Descobrimento (-631 vagas).

Cabe destacar que o primeiro trimestre foi um período impulsionado pelas realizações das festas populares, religiosas e o Carnaval em vários municípios baianos. A realização dos cruzeiros marítimos para a temporada dos três primeiros meses do ano 2025 se deu conforme o previsto. Com isso, a promoção desses eventos colaborou consideravelmente para o bom desempenho do setor.

A expectativa é de manutenção do crescimento do setor de *Turismo* para o segundo trimestre de 2025, com taxa ainda significativa. Essa perspectiva se dá por se tratar de um período intenso de grandes eventos, como os festejos juninos. Assim, acredita-se que a realização destes contribuirá consideravelmente para o desempenho do setor.

² Referem-se às classes CNAE 2.0 considerando todos os municípios da Bahia, não apenas os das zonas turísticas.

COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Júnior
arthurcruz@sei.ba.gov.br

Lázaro Enzo Lima Barbosa
lazarobarbosa@sei.ba.gov.br

Kailan Matos Pereira
kailanpereira@sei.ba.gov.br

A OMC em seu relatório de projeções, divulgado em abril, ressaltou que dois riscos ameaçam deprimir o crescimento global. Ambos partem da guerra tarifária declarada por Donald Trump contra o mundo. As tarifas em vigor, que excluem as “recíprocas” suspensas por 90 dias por Trump, reduzirão o volume das trocas comerciais, antes previstas para exibir robusto crescimento de 3,0% em 2025. A reativação da taxação suspensa acentuaria os efeitos negativos, fazendo o comércio global encolher 1,5% ao ano. Os atuais níveis estratosféricos de retaliação impostos entre as duas maiores economias do mundo, China e Estados Unidos, podem consolidar uma separação permanente dos dois países em blocos distintos, com efeitos ainda mais perturbadores e daninhos – a longo prazo, o PIB global perderia sete pontos percentuais até 2040.

O efeito cumulativo das tarifas de Trump deverá fazer o comércio global encolher 0,2%, uma queda de mais de 3 pontos percentuais ante a previsão feita antes de a disputa comercial iniciar. O petardo das tarifas recíprocas, caso os EUA voltem a exigí-las – uma grande incógnita, dadas as reviravoltas nas decisões do presidente americano –, aumentará a retração das transações comerciais globais para -1,5%. A maior parte da queda, porém, é atribuída ao recuo das compras e vendas dos próprios EUA, de 1,7 ponto percentual. Todas as demais regiões avançariam nas trocas, bem menos do que antes, mas ainda assim apresentariam crescimento.

O protecionismo de Trump fará o que os textos básicos de economia preveem nesses casos. As exportações perderão competitividade, porque os insumos importados ficarão mais caros e a substituição da produção externa por doméstica trará em vários casos perda de produtividade inicial, ou mesmo permanente. A inflação será parte relevante do aumento de custos, além de pesar sobre o consumo americano, que compõe 70% do PIB do país. Aumentos de preços podem levar a uma alta dos juros e esfriar a economia, ou tudo isso acontecerá ao mesmo tempo, desembocando em estagflação ou baixo crescimento e inflação renitente (Para OMC..., 2025).

[...]

Ainda que o jogo do comércio internacional esteja mudando radicalmente, 87% dele ainda se dá fora dos EUA, agora insulados em sua casamata protecionista. É o que reforça a esperança da presidente da OMC, Ngozi Okonjo-Iweala, de que os membros da organização possam manter o interesse em reforçar e aprimorar suas regras, consagrando virtudes básicas. Diante das turbulências, disse, "eles estão vendo o valor da previsibilidade e da estabilidade do sistema criado pela OMC"¹ (Para OMC ..., 2025).

O Fundo Monetário Internacional (FMI), no seu relatório *World Economic Outlook* (WEO), publicado em abril, também afirma que o crescimento econômico global vai desacelerar nos próximos meses em consequência da guerra tarifária iniciada pelo presidente americano Donald Trump, com os EUA diante de uma "significativa desaceleração", segundo alertou o FMI). O fundo agora estima um crescimento de 2,8% para a economia global este ano, em vez de uma previsão de 3,3% em janeiro.

As tarifas aplicadas pelos EUA ameaçam a estabilidade do sistema financeiro global ao adicionar incertezas que poderão provocar "choques negativos de oferta" que resultarão em "perda de produtividade agregada, menor atividade econômica, custos de produção mais altos e aumento dos preços", disse Pierre-Olivier Gourinchas, economista-chefe do FMI durante a apresentação do relatório *World Economic Outlook* (WEO)² (Borg, 2025).

A balança comercial brasileira deve ter superávit robusto e dar contribuição importante para o setor externo brasileiro em 2025, segundo as projeções de economistas. O cenário para o ano, porém, vem carregado de incertezas, com preocupações sobre a política comercial dos EUA, sob comando de Donald Trump, seus efeitos na economia global e a evolução do conflito comercial com a China, a segunda maior economia do mundo e o principal parceiro comercial do Brasil. O quadro nebuloso afeta câmbio e preços, que podem ter impacto na receita de exportação, ainda que seja esperado aumento de volume de embarques de grãos e de petróleo em relação a 2024.

O desempenho das importações também está no radar. A expectativa geral é que os desembarques desacelerem em 2025, sob perspectiva de menor crescimento do PIB e encolhimento da demanda doméstica. As importações, porém, têm-se mostrado mais resilientes do que o esperado.

1 Ver a respeito: Para OMC, comércio recua e EUA perdem mais com tarifas. *Valor Econômico*, 17 abr. 2025. Disponível em: <https://valor.globo.com/opiniao/noticia/2025/04/17/para-omc-comercio-recua-e-eua-perdem-mais-com-tarifas.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2025.

2 Ver a respeito: BORG, Pedro. Tarifas de Trump levam FMI a reduzir previsão de crescimento global para 2,8%. *Valor Econômico*, 22 abr. 2025. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2025/04/22/guerra-comercial-causa-reducao-na-previsao-de-crescimento-global-para-28percent-em-2025-e-3percent-em-2026-segundo-fmi.ghtml>. Acesso em: 22 abr. 2025.

O superávit da balança comercial projetado para 2025 é de US\$ 75,49 bilhões pela mediana de dez estimativas coletadas pelo mercado, que vão de US\$ 71,5 bilhões a US\$ 85 bilhões. O boletim *Focus*, divulgado pelo Banco Central em 21 de março, com as expectativas de mercado, indicou mediana de US\$ 75,4 bilhões, menor que a de quatro semanas antes, de US\$ 76,7 bilhões. Em 2024, o superávit foi de US\$ 74,2 bilhões, após recorde de US\$ 98,9 bilhões em 2023.

O panorama mudou bastante este ano. A depreciação do dólar se acentuou, mas foi seguida de um processo de recuperação. Desde que Trump assumiu a Presidência, anunciou várias medidas que, entre idas e vindas, suspensões e adiamentos, afetam o comércio exterior. Há promessas de adotar a reciprocidade de tarifas, pela qual os EUA elevariam as alíquotas de importação para os níveis que seus parceiros comerciais aplicam. Nesse caso, o Brasil pode ser um alvo.

Apesar das incertezas, a mediana das estimativas para o saldo comercial do país ainda é forte. As previsões levam em conta que o volume de importação tem-se mostrado mais forte que o esperado e, do lado da exportação, as cotações de *commodities* estão mais desfavoráveis para a pauta brasileira.

No acumulado do ano, até a terceira semana de março, os dados da Secretaria de Comércio Exterior mostram superávit de US\$ 7,8 bilhões. Em igual período de 2024, o saldo foi de US\$ 18,5 bilhões caindo, portanto, 57,8%.

Há, também, uma sinalização para a política de estímulo às compras externas, com a redução, no dia 13 de março, de alíquotas do imposto de importação em alimentos como carne, café e azeite de oliva, embora a medida não deva fazer diferença nos dados agregados da balança comercial.

Do lado dos embarques, os dados mostram queda de preços da soja, do minério de ferro e do petróleo. Os três produtos são os mais importantes da pauta de exportação brasileira e, no ano passado, responderam por 35% da receita total. O comportamento de preços pode ofuscar o aumento de volume de exportação.

De positivo, que poderá favorecer as exportações, é a safra de grãos – principalmente de soja e milho – que deverá garantir aumento de embarques em 2025. Também é esperado que a produção de petróleo continue robusta e contribua para o saldo comercial. Em 2024, a exportação do item somou US\$ 45 bilhões – 13% das exportações do Brasil. Há o acompanhamento das cotações da *commodity* em queda, mas a expectativa é que o aumento do volume de produção, em 2025, compense oscilações de preço.

É certo que muito do que exportamos são itens essenciais, como petróleo, alimentos, minério de ferro, que têm uma perspectiva positiva de demanda nos próximos anos. A China, por exemplo, tem ameaçado taxar produtos agrícolas americanos. Se houver o maior engajamento da China na guerra comercial com os EUA, de maneira mais agressiva, a demanda chinesa deverá desviar para o Brasil.

Do lado das importações, espera-se desaceleração, em consonância com a expectativa de crescimento menor da economia em 2025. Estima-se alta de 1,5% a 2,0% do PIB neste ano, após a expansão de 3,4% observada em 2024. No ano passado, a importação veio forte, principalmente por conta de Formação Bruta de Capital Fixo (FBCF). Houve um aumento da taxa de investimento como proporção do PIB e isso pesou bastante nas importações.

A expectativa para 2025 é de desaceleração, sob efeitos de condições financeiras menos favoráveis e juros elevados por bastante tempo. Isso deve trazer alívio nas importações. Como no ano passado as exportações ficaram estáveis, este ano é esperado um aumento, por conta da safra agrícola, mas nada muito espetacular. O grosso do saldo da balança comercial deverá vir da mudança das importações, embora os três primeiros meses deste ano ainda não tenham refletido isso (crescimento de 13,7%) no comparativo trimestral interanual.

Tabela 1
Balança comercial
Bahia – Jan./mar. 2024/2025

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %
Exportações	2.570.454	2.478.485	-3,58
Importações	2.184.110	2.385.053	9,20
Saldo	386.345	93.432	-75,82
Corrente de comércio	4.754.564	4.863.539	2,29

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 4 abr. 2025. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI/Distat/CAC

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

As exportações baianas registraram receitas de US\$ 817,5 milhões em março, com acréscimo de 0,68% ante o mesmo mês do ano anterior. Esse resultado foi influenciado pelo aumento dos embarques, que cresceram 2,2% em volume na comparação com igual mês de 2024. Já os preços dos produtos exportados tiveram redução de 1,5%. As importações alcançaram US\$ 851,9 milhões, com alta de 2,6%.

No primeiro trimestre, as exportações baianas somaram US\$ 2,48 bilhões, queda de 3,6% na comparação com o primeiro trimestre de 2024. Já as importações somaram US\$ 2,38 bilhões,

alta de 9,2%. Com esses resultados, a balança comercial do estado apresentou superávit de US\$ 93,4 milhões, 75,8% menor que em igual período de 2024.

Os embarques de soja atrasaram, mas apareceram com força em março, fazendo jus à esperada safra recorde de grãos do ano, o que ajudou as exportações em março, mas não evitou a queda no acumulado trimestral. Apesar do crescimento nos embarques do setor em março, no trimestre eles foram 8,2% inferiores no comparativo interanual. A receita foi 25,2% menor, enquanto o preço do grão caiu em média 18,5% em relação ao primeiro trimestre de 2024.

Um segmento que contribuiu para o crescimento das vendas no trimestre foi a celulose, que somou US\$ 365 milhões, com aumento de 1,7% no volume embarcado e de 7,3% nas receitas. Os preços subiram em 5,5% na média do trimestre, contra mesmo mês do ano passado. Uma combinação de fatores inesperados (a paralisação das operações de uma indústria chinesa que refletiu em uma demanda adicional de 200 mil toneladas de celulose por mês e a valorização cambial) tem sustentado aumentos consecutivos dos preços da celulose em 2025, mas incertezas quanto ao equilíbrio entre oferta e demanda e ao impacto das tarifas americanas impõem cautela para os próximos meses.

O segundo trimestre, que começa com o quarto reajuste do ano, deve trazer preços melhores, embora novos fatores exógenos possam impactar essa tendência. Difícil dizer se esses movimentos (de aumento de preços) se sustentem por mais tempo, porque as tarifas do Trump ainda são um ponto de interrogação.

No caso do Brasil, as tarifas serão de 10,0% para todos os produtos. A posição da Suzano, uma das maiores produtoras de papéis da América Latina, é não temer imposto de importação para a celulose. Os EUA praticamente não produzem celulose de fibra curta. Apesar do cenário nebuloso, não há muito sentido em taxar um produto que não concorre com a indústria local e que vira bem de consumo.

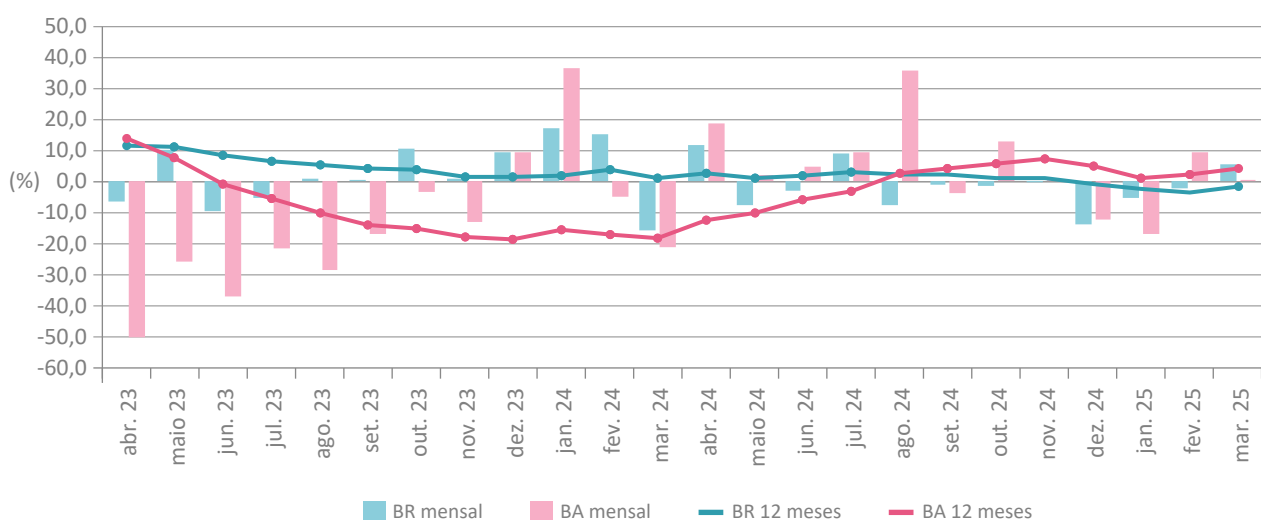
O grande dilema para as exportações este ano é que ainda não se sabe o comportamento de preços. O “tarifaço” anunciado por Trump e a reação com retaliação da China prometem resultar em desaceleração global da economia, o que tende a levar preços para baixo. E preços menores, mesmo com aumento de volume, podem levar a receita de exportação também para baixo.

Há análises no sentido de que um conflito mais acirrado entre Estados Unidos e China pode deslocar a demanda chinesa por soja e outras *commodities* dos Estados Unidos para o Brasil e para a Bahia. Isso aconteceu durante o primeiro mandato de Trump, de 2017 a 2020, mas há controvérsia sobre esse dinamismo. Há quem diga que isso não deve acontecer novamente e, se acontecer, não deve ser na mesma intensidade, até por questões de capacidade de oferta.

Também há a preocupação de dependência cada vez maior do mercado chinês, que já é destino de 28,0% dos embarques baianos e o maior mercado, disparado, para soja, celulose e algodão vendidos ao exterior pela Bahia.

Outra preocupação trazida por analistas é de que, sob alvo de tarifas mais pesadas no mercado americano, a China e outros países asiáticos desovem um volume maior de produtos no país, receio que já existe entre os países europeus. Pode haver um limite dado pela demanda doméstica, apontam economistas, já que se espera uma desaceleração do PIB e da demanda doméstica em 2025. Mesmo assim, apontam especialistas, os asiáticos podem, com preços baixos, ganhar mercado e ocupar o lugar do fornecimento de outros países ou até da produção brasileira. A China já é o terceiro maior fornecedor externo da Bahia, com 9,4% das origens das importações do estado no ano passado.

Gráfico 1
Variação do Comércio Exterior – Exportações
Bahia/Brasil – 2023/2025



Fonte: MDIC/Secex.
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Segundo os últimos dados divulgados pela Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex), favorecida pela desvalorização cambial, a rentabilidade média do exportador brasileiro subiu 5,0% no primeiro bimestre do ano, na comparação com o mesmo período do ano passado. O desempenho positivo se manteve a despeito da recuperação parcial da moeda brasileira no período, mas pode novamente ganhar impulso e beneficiar o exportador brasileiro no restante do ano, a depender dos próximos capítulos da guerra comercial promovida pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, que tem chacoalhado o câmbio global. Em compensação, a queda dos preços, particularmente o de alguns dos

principais produtos vendidos pelo país no exterior, pode voltar a se estabelecer diante dos maiores riscos de desaceleração global.

Na comparação entre o primeiro bimestre de 2025 com o de 2024, as exportações brasileiras se beneficiaram de um câmbio 19,3% mais desvalorizado. Esse bônus, no entanto, para os exportadores baianos, é favorecido pelo aumento de 4,7% do preço médio das exportações, embora tenha havido uma alta de 8,3% do custo médio de produção. Os dados da Fundação Centro de Estudos para o Comércio Exterior (Funcex)³ (Osakabe, 2025).

Para o segundo bimestre, a projeção preliminar da Funcex é que a rentabilidade permaneça mais ou menos nos mesmos patamares, uma vez que a média do câmbio nominal no período não muda muito – as tarifas foram anunciadas dia 2 de abril. Já para o ano, a estimativa se mantém em 5,94%. Embora deva se esperar para ver o desenrolar da disputa entre as potências globais antes de rever projeções, já que tudo ainda é muito imprevisível. É difícil traçar um cenário no momento.

Análises dependem de clareza sobre as tarifas, o que pode demorar meses. É difícil saber, no entanto, qual vetor será mais importante na definição da rentabilidade: os preços ou o câmbio. Qualquer análise sobre isso depende de um direcionamento mais claro sobre as negociações, o que pode demorar meses. É também difícil dizer se vai haver impacto grande este ano para o exportador, até porque existe uma demanda que já foi contratada.

3 Ver a respeito: OSAKABE, Marcelo. Câmbio ajuda, e rentabilidade de exportações aumenta 5% no primeiro bimestre. *Valor Econômico*, 12 abr. 2025. Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2025/04/12/cambio-ajuda-e-rentabilidade-de-exportacoes-aumenta-5percent-no-1o-bimestre.ghtml>. Acesso em: 12 abr. 2025.

Tabela 2
Exportações baianas – principais segmentos
Jan./mar. 2024/2025

Segmentos	Peso (ton)		Var. %	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2024	2025		2024	2025			
Soja e derivados	1.207.131	1.108.321	-8,19	568.383	425.370	-25,16	17,16	-18,49
Petróleo e derivados	865.349	678.906	-21,55	507.987	388.764	-23,47	15,69	-2,45
Papel e celulose	796.883	810.283	1,68	340.209	364.977	7,28	14,73	5,51
Algodão e seus subprodutos	115.063	150.397	30,71	218.820	244.823	11,88	9,88	-14,40
Metais preciosos	183	79	-56,72	156.499	208.088	32,96	8,40	207,24
Café e especiarias	21.119	31.126	47,39	66.632	176.871	165,44	7,14	80,10
Químicos e petroquímicos	185.898	138.407	-25,55	250.245	160.676	-35,79	6,48	-13,76
Cacau e derivados	9.374	13.744	46,62	54.480	149.514	174,44	6,03	87,17
Minerais	128.239	108.779	-15,17	144.637	93.860	-35,11	-29,05	-23,50
Metalúrgicos	35.630	40.986	15,03	56.415	53.561	-5,06	2,16	-17,46
Borracha e suas obras	9.325	8.754	-6,13	51.020	48.394	-5,15	1,95	1,04
Frutas e suas preparações	31.518	30.577	-2,99	46.881	32.363	-30,97	1,31	-28,84
Demais segmentos	72.336	151.574	109,54	108.220	131.224	21,26	5,29	-42,13
Total	3.478.047	3.271.933	-5,93	2.570.428	2.478.485	-3,58	100,00	4,73

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 4 abr. 2025. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Como já dito anteriormente, os embarques de soja atrasaram, mas foi o suficiente para retomar a liderança da pauta de exportações baianas no primeiro trimestre. O desempenho de preços pode ser, em parte, compensado por volumes de exportação, já que há expectativa de safra recorde para o grão. Mas as cotações de *commodities*, sujeitas ao impacto da política tarifária do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, ao lado da volatilidade cambial, devem ser variáveis ainda mais importantes no desempenho do setor este ano.

O preço do petróleo já mostra que o caminho à frente pode ser de boas emoções. Depois de altas no início do ano, as incertezas em torno da produção da Opep+, a guerra comercial entre os EUA e China e os rumores de que os produtores de petróleo americanos planejam reduzir a produção devido à queda dos preços têm afetado o preço da *commodity*. As exportações baianas de derivados de petróleo acusaram queda de 21,5% em volume, 23,5% em valor e 2,4% nos preços médios, todos no comparativo trimestral interanual.

Por agregado, as exportações agropecuárias baianas subiram 1,8% ante o primeiro trimestre de 2024. No caso da indústria extrativa, também houve leve aumento de 0,3%, e no caso da indústria de transformação, houve queda de 7,5%.

As exportações brasileiras para a China, principal destino dos produtos baianos, registraram queda no trimestre de 31,5%, em relação ao mesmo trimestre do ano anterior (soja celulose e algodão puxaram a baixa). As vendas totais para a Ásia também recuaram 22,5%.

Na mesma base de comparação, as vendas para a América do Norte subiram 6,6%, (para os EUA apenas 1,6%), enquanto para a América do Sul e Mercosul subiram 70,0% e 56,4%, principalmente de derivados de cacau, óleo diesel e café. Para a União Europeia, as vendas externas do estado no primeiro trimestre também subiram 14,4% (café, celulose, derivados de cacau e minérios de níquel).

Importação

As importações alcançaram US\$ 851,9 milhões em março, com alta de 2,6% no comparativo interanual. Os dados das compras externas mostram o desembarque um pouco mais comportado em março. O valor importado cresceu 2,6%, com queda de volume de 10,5%. As taxas já são bem menores que a alta de 9,2% em valor, e queda de 5,1% no volume embarcado do primeiro trimestre de 2025.

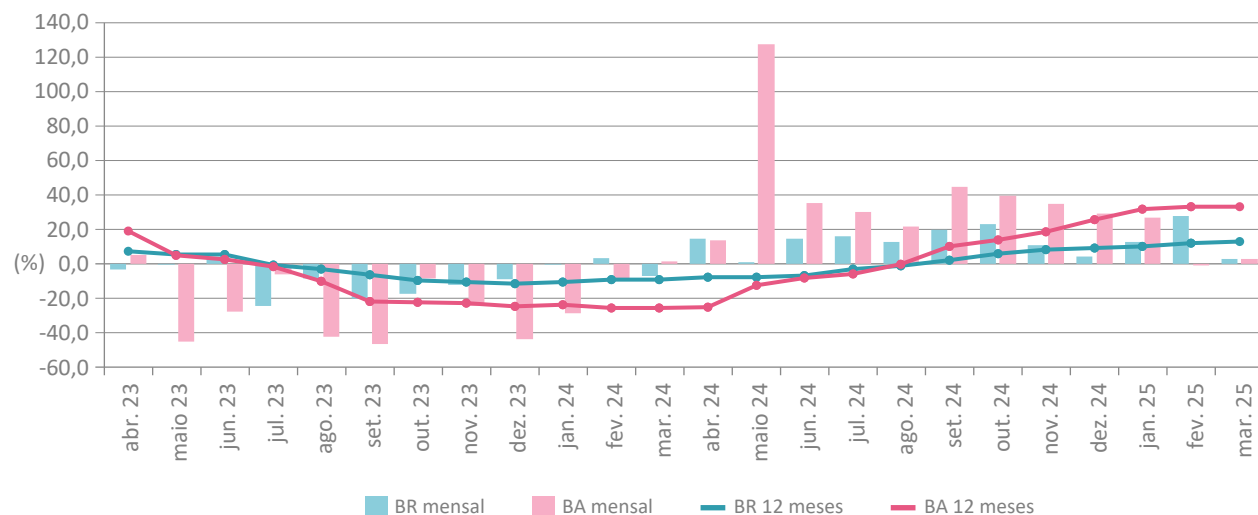
É preciso esperar pelos próximos meses para verificar com mais clareza a tendência dos desembarques. Na decomposição dos dados de março, chama a atenção uma importação ainda forte de bens intermediários. Essa categoria, que chegou a 65,5% do total das compras externas no mês, avançou 22,0% em valor e 2,5% em volume.

No primeiro trimestre, as importações são encabeçadas pelos bens intermediários, com aumento de 32,0% no comparativo interanual e 69,6% de participação. Cacau em grão, fertilizantes, óleos de palmiste, trigo e malte são os principais insumos importados no trimestre.

As compras de bens de capital, indicador de dinamismo na atividade econômica, estimuladas pela redução de preços, somaram US\$ 178,6 milhões no primeiro trimestre, com aumento de 42,3%. Essas aquisições devem ser festejadas como indicativo de aumento dos investimentos, geralmente baixos, tanto no país quanto no estado, embora o novo ciclo de alta da Selic tenda a tirar força desse processo.

Com os resultados até março, a balança comercial do estado obteve um superávit acumulado de US\$ 93,4 milhões, abaixo 75,8% do obtido em igual trimestre de 2024, enquanto a corrente de comércio atingiu US\$ 4,86 bilhões, com aumento de 2,3% no comparativo interanual.

Gráfico 2
Variação do Comércio Exterior – Importações
Bahia/Brasil – 2023/2025



Fonte: MDIC/Secex.
 Elaboração: SEI/Distat/CAC.

É bom ressaltar que o resultado da balança comercial do estado, referente ao mês de março, não foi impactado pela tarifa imposta pelo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, no início de abril. Foram anunciadas tarifas extras a produtos importados de diversos países, que devem resultar em desaceleração global da economia, o que tende a levar a preços menores.

Tabela 3
Importações baianas por categoria de uso
Jan./mar. 2024/2025

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2024	2025	Var. %	Part. %
Bens intermediários (BI)	1.259.432	1.660.648	31,86	69,63
Combustíveis e lubrificantes	758.566	502.224	-33,79	21,06
Bens de capital (BK)	125.477	178.577	42,32	7,49
Bens de consumo (BC)	40.190	42.180	4,95	1,77
Bens não especificados anteriormente	444	1.423	220,26	0,06
Total	2.184.110	2.385.053	9,20	100,00

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 4 abr. 2025. Disponível em: <http://comexstat.mdic.gov.br>

Elaboração: SEI/Distat/CAC

Obs.: importações efetivas, dados preliminares

Finanças Públicas

Gabriel Oliveira Barbosa
gabrielbarbosa@sei.ba.gov.br

Marília Jane Dourado Campos
mariliajane@sei.ba.gov.br

Cenário mundial – aumento da incerteza

A manutenção – e mesmo o aprofundamento – do cenário mundial instável combinado às mudanças radicais de políticas afetam as perspectivas econômicas e fiscais. Os anúncios de substanciais aumentos de tarifas por parte dos Estados Unidos, bem como as contramedidas adotadas por outros países, estão contribuindo para a volatilidade de mercados financeiros, deteriorar expectativas, intensificar riscos e adiar decisões de investimento.

O processo de desinflação que vinha acontecendo em diversos países de maneira consistente, ainda que lenta – como comentado em boletins anteriores –, parece ter estancado. Essa persistência da inflação, somada ao aumento da percepção de risco, leva os bancos centrais a um comportamento mais cauteloso, parando ou mesmo invertendo o processo de queda das taxas de juros. Isso é particularmente danoso para países em desenvolvimento que, diante do risco inflacionário e da redução do diferencial da taxa de juros, se veem movidos a aumentá-la.

O cenário mundial das finanças públicas já vinha de alguma tensão, como já vem sendo tratado em edições anteriores, devido à queda lenta da inflação (e consequentemente das taxas de juros), das políticas industriais ativas – resultado da reorganização das cadeias de valor, com mais políticas protecionistas e foco em blocos regionais – e do aumento dos investimentos em defesa.

Segundo o FMI, a dívida em risco mundial há três anos – parâmetro que abarca todos os fatores determinantes de risco até o final de 2024 – incrementou o PIB em dois pontos percentuais. Além disso, previsões da mesma instituição apontam que, num cenário adverso extremo, a dívida pública mundial pode alcançar os 117% do PIB em 2027, número que não se alcançava desde a Segunda Guerra Mundial.

Embora grande parte dos países não esteja em situações de endividamento agudo, podendo fazer o ajuste de suas contas numa abordagem gradualista, há uma perspectiva clara de piora de cenário. O aumento da incerteza cresce os custos de rolagem da dívida, assim como a continuidade das tensões geopolíticas favorece a manutenção e mesmo aumento dos déficits fiscais.

BRASIL – FORTALECIMENTO DO RESULTADO FISCAL

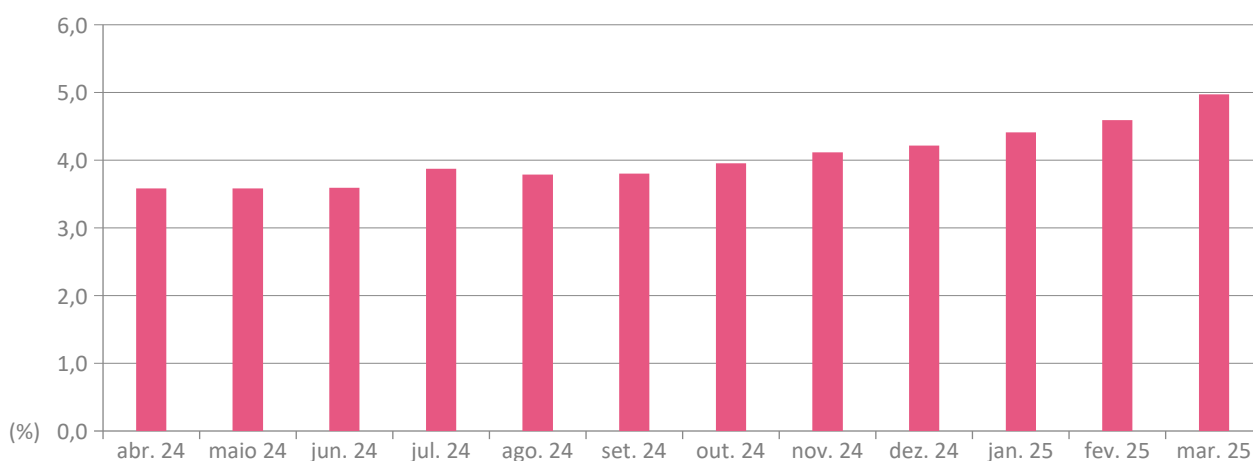
O cenário nacional também se caracteriza pela instabilidade. No trimestre passado, houve, como reportado, uma forte (ainda que breve) especulação contra o real, fruto do que o mercado colocou como incertezas em relação aos rumos da política econômica. Também houve uma alta inflacionária, ocasionada por um combinado de pressões internacionais pelo lado da oferta, desvalorização cambial e persistência do crescimento econômico e dos níveis baixos de emprego.

A resposta do Banco Central foi o aumento da taxa de juros, buscando ancorar as expectativas de volta para dentro da meta. A meta anual de 2024 foi descumprida, como já abordado, e os índices de 12 meses assumiram uma trajetória crescente. O novo regime de metas, vigente agora em 2025, não se refere mais a uma meta anual, mas a uma meta contínua, e disso se espera uma flexibilidade maior para lidar com choques e eventos inesperados.

Ainda que o regime tenha se alterado, é esperada a continuidade do ciclo de alta da taxa Selic. O IPCA, indicador de referência, atingiu 5,48% em março deste ano, acima do limite superior da meta que é de 4,5%. A média dos núcleos de inflação exibem também trajetória ascendente, como se pode ver a seguir.

Gráfico 1

Média dos núcleos do Índice Nacional de Preços ao Consumidor calculados pelo Banco Central do Brasil⁽¹⁾ – Brasil – Abr. 2024-mar. 2025



Fonte: elaboração própria. Dados: Banco Central.

Notas: (1) Taxa acumulada em 12 meses.

Os núcleos de inflação procuram retirar do índice o que é mais sujeito a volatilidade. Há diversas formas de fazer isso, não havendo um padrão exato. Em geral, ou retira-se do cálculo produtos mais sujeitos a choques (energia, *commodities* etc.) ou faz-se algum tipo de ponderação estatística. O Bacen atualmente possui oito núcleos.

Por serem menos sujeitos a choques, é possível dizer que as variações dos núcleos refletem melhor as pressões inflacionárias pelo lado da demanda. Isso aumenta a preocupação e sinaliza novos aumentos da Selic.

Tal preâmbulo, a tratar de inflação e política monetária, tem sua importância, uma vez que, assim como no cenário geral internacional, o risco fiscal é agravado pelo aumento dos custos de rolagem da dívida. No Brasil essa relação é mais profunda, devido ao nível estruturalmente alto das taxas de juros.

Segundo nota do Bacen para a imprensa, no acumulado em 12 meses, os juros nominais alcançaram R\$ 935,0 bilhões (7,80% do PIB) em março deste ano, comparativamente a R\$ 745,7 bilhões (6,71% do PIB) nos 12 meses até março de 2024. Devido ao perfil da dívida pública brasileira, com alta participação de títulos pós-fixados em sua composição, cada ponto percentual de aumento na Selic impacta a Dívida Líquida do Setor Público (DLSP) em R\$ 54,2 bilhões e a Dívida Bruta do Governo Geral (DBGG) em R\$ 49,3 bilhões. Tais valores equivalem respectivamente a 0,45% e 0,41% do PIB.

Ainda segundo a nota do Bacen, o resultado nominal do setor público consolidado, que inclui o resultado primário e os juros nominais apropriados, foi deficitário em R\$ 71,6 bilhões em março de 2025. No acumulado em 12 meses, o déficit nominal alcançou R\$ 948,5 bilhões (7,92% do PIB), ante déficit nominal de R\$ 939,8 bilhões (7,91% do PIB) em fevereiro de 2025. Em suma, houve pequena piora no resultado nominal, resultado do crescimento dos juros nominais pagos, ainda que tenha havido um esforço fiscal crescente no que se refere ao conceito primário. Em relação às contas primárias, o primeiro trimestre caracterizou-se pelo aumento real das receitas e diminuição real das despesas, como é possível ver na Tabela 1 abaixo.

Tabela 1
Resumo do Balanço Fiscal do Tesouro Nacional
Brasil – 1º trim. 2024/2025

Discriminação	1º trim.		Variação (2025/2024)		
	2024	2025	Diferença	% Nominal	% Real
1. Receita total	667.856,40	720.713,60	52.857,20	7,91	2,80
2. Transf. por rep. da receita	132.909,10	144.147,40	11.238,30	8,46	3,30
3. Receita líquida (I-II)	534.947,30	576.566,20	41.618,90	7,78	2,70
4. Despesa total	514.776,30	522.034,50	7.258,20	1,41	-3,40
5. Resultado primário do Gov. Central	20.171,00	54.531,70	34.360,70	170,35	154,20
Res. do Tesouro Nacional	82.321,60	120.058,70	37.737,10	45,84	39,00
Resultado do Banco Central	-123,1	-11,1	112,00	-90,98	-91,40
Res. da Previdência Social	-62.027,60	-65.515,90	-3.488,30	5,62	0,60
Memorando:					
Resultado TN e BCB	82.198,60	120.047,60	37.849,00	46,05	39,20

Fonte: Tesouro Nacional.

A continuidade do crescimento das receitas federais demonstra a firmeza da atividade econômica. A diminuição das despesas totais foi impactada pelo atraso na votação do orçamento, o que atrasa a liberação de verbas.

Os destaques do trimestre – variação real, comparado ao mesmo período do ano anterior – pelo lado das receitas foram: o Imposto sobre a Renda (+1,6%), refletindo principalmente a combinação dos resultados obtidos com o aumento da arrecadação do IRRF-Rendimentos do Trabalho e do IRRF-Rendimentos de Residentes no Exterior e diminuição da arrecadação do IRRF-Rendimentos de Capital e a arrecadação líquida para o RGPS (+2,7%), resultado do incremento do emprego formal e da atualização do valor do salário mínimo.

O destaque negativo das receitas fica por conta da variação das demais receitas não administradas (-22,5%), explicado em parte pelo ingresso de depósitos judiciais não tributários em volume bastante inferior nesse trimestre em comparação com os mesmos meses de 2024.

Pelo lado das despesas, destacam-se: os Benefícios Previdenciários (+2,1%), cujo crescimento pode ser justificado pelos mesmos motivos que os da arrecadação líquida para o RGPS; os benefícios da LOAS/RMV (+12,2%), influenciados pelo crescimento do número de beneficiários e pelo reajuste do salário mínimo, e a complementação da União ao Fundeb (+20%), resultado do desempenho positivo dos impostos que formam a base de arrecadação desse fundo, além dos efeitos da Lei nº 14.113/2020, que regulamenta o novo Fundeb e garante maior participação da União.

Por outro lado, as despesas com sentenças judiciais e precatórios apresentou queda de 97,3%, explicada pelo pagamento da torre de precatórios no mês de fevereiro de 2024, sem contrapartida no primeiro trimestre de 2025.

Apesar dos bons resultados fiscais, ao olhar a trajetória recente das despesas da União, percebemos que há algumas tendências que exigem mais atenção. Uma delas é o aumento real do custeio administrativo. Em relação ao valor acumulado de 12 meses, o crescimento anual foi de 9,87% em termos reais. Na análise por função, notamos que os maiores crescimentos relativos foram nas áreas de habitação (+317,18%) e assistência social (109,32%), que possuem pouca participação no total desse tipo do custeio administrativo (respectivamente, 0,00% e 0,63%). Os maiores crescimentos em termos absolutos foram nas funções Saúde (+R\$ 2.164,6 milhões) e Judiciária (+R\$ 1.130,6 milhões).

O montante das despesas com custeio administrativo, em 12 meses, a preços de março de 2025, chegou a R\$ 68,029 milhões, valor real próximo ao do mesmo mês de 2018, quando atingiu R\$ 67,641 milhões. O que se nota é que houve um processo de queda entre 2017 e 2022, quando atingiu R\$ 56,610 milhões em janeiro daquele ano, voltando a subir continuamente até hoje.

Trata-se, sem dúvida, de um crescimento expressivo. Contudo, pelo comportamento descrito, é cedo para afirmar que há desequilíbrio ou descontrole. É possível (até provável) que se trate de uma recomposição da estrutura da máquina estatal, após forte queda real nos últimos anos. Ainda assim, é um comportamento a ser observado, especialmente pelo fato desse crescimento ser acompanhado, desde agosto, por uma diminuição do investimento.

O investimento tem caído desde agosto de 2024 em razão do esforço fiscal para se atingir a meta do ano (déficit zero). As despesas com investimentos, por terem menor rigidez, costumam ser a “variável de ajuste” para a política fiscal, sendo adiadas ou cortadas quando há necessidade de redução da despesa total. É um comportamento que acaba por vezes comprometendo a eficácia e continuidade das políticas públicas, muito embora seja comum que diversos governos, em todas as esferas, lancem mão desse expediente.

A continuidade da queda do investimento, verificada nos primeiros meses de 2025, pode também estar ligada ao atraso na votação do orçamento. No acumulado de 12 meses, os investimentos somaram R\$ 88.200,40 milhões em março de 2025; é um nível semelhante ao do mesmo mês do ano de 2017. Numa perspectiva histórica recente (12 anos), estamos bastante distantes dos níveis de 2014, quando as despesas federais com investimentos ultrapassaram os R\$ 140 milhões em preços atuais.

Historicamente, há uma perda da participação das despesas discricionárias no total das despesas da União, o que vem chamando atenção de analistas e gerando preocupação nos

gestores, uma vez que “engessa” o orçamento, diminuindo a margem de ação de governo. O discurso hegemônico usualmente elege dois principais vilões dentro das despesas obrigatórias, que estariam tomando proporções exageradas: as despesas com pessoal e encargos, que refletiria um “inchaço” do Estado, com servidores em demasia e recebendo rendimentos muito acima da média, e as despesas da seguridade social – em especial da Previdência, que estaria diante de uma situação insustentável.

Por um lado, as despesas com pessoal e encargos, bem como as despesas da Previdência, são sempre preocupantes devido à sua rigidez – sendo assim, difíceis de cortar no curto prazo, impedindo que elas sejam variáveis de controle numa necessidade de ajuste fiscal de curto prazo. Ademais, são elas de fato, em termos quantitativos, as principais despesas obrigatórias do Estado brasileiro.

Por outro lado, a crítica a essas despesas muitas vezes reproduz um discurso que vem se fortalecendo no Brasil desde a década de 1990, de cunho neoliberal, referente a um Estado supostamente grande demais e excessivamente benevolente. Amplos estudos (a exemplo do *Atlas do Estado Brasileiro*, do IPEA) apontam que o Estado brasileiro não emprega muito, relativamente à média mundial (ao contrário, ele está abaixo dessa média), tampouco remunera em excesso (o que há, na verdade, é uma grande desigualdade).

Tabela 2
Participação nas despesas totais – Valores referentes a mar.
Brasil – Acumulado de 12 meses

Participação das despesas	2013 (%)	2016 (%)	2019 (%)	2022 (%)	2025 (%)
Despesas Discricionárias	13,46	10,66	9,25	7,72	8,26
Benefícios Previdenciários	39,05	37,42	43,74	43,31	43,14
Pessoal e encargos sociais	22,74	20,17	22,11	19,70	16,69

Fonte: elaboração própria. Dados do Tesouro Nacional.

De fato, as despesas com benefícios previdenciários aumentaram sensivelmente sua participação no total ao longo dos últimos 12 anos analisados. Sem entrar na discussão dos desafios para o equilíbrio atuarial diante do envelhecimento populacional, notamos uma discreta redução da participação desse tipo de despesa a partir de 2019, o que é positivo. Quanto às despesas com pessoal e encargos, essa tem perdido bastante participação, fruto do enxugamento da máquina estatal, bem como do avanço das terceirizações. As despesas discricionárias demandam preocupação, perdendo mais de cinco pontos percentuais de sua participação no total, apesar de, nos anos mais recentes, terem crescido. Nota-se, no entanto, um declínio recente (desde agosto do ano passado) das despesas discricionárias, possivelmente puxado pelo recuo dos investimentos.

Bahia – crescimento das receitas garantem o resultado fiscal

No cenário estadual, a gestão continua dando primazia à geração de superávits fiscais, que são objeto de contínuo acompanhamento e controle. O resultado fiscal primário acima da linha (receitas menos despesas, descontados os juros e encargos da dívida) atingiu R\$ 2,678 trilhões no primeiro bimestre de 2025, maior que o do mesmo período de 2024, quando chegou a R\$ 1,759 trilhão. No critério abaixo da linha, que corresponde às variações da dívida pública, o resultado fiscal primário (sem Regime Próprio de Previdência Social - PPS) foi de R\$ 2,451 trilhões, ante R\$ 1,751 trilhão do mesmo período do ano anterior. Vale dizer que o primeiro bimestre de 2024 já havia apresentado melhora de resultado em relação ao mesmo período de 2023.

No entanto, se o melhor resultado de 2024 em relação ao de 2023 se deve especialmente à contenção das despesas, que tiveram pequena queda, mesmo em termos nominais (-0,61%), a melhora do resultado de 2025 em relação ao de 2024 teve maior peso da variação positiva das receitas, que cresceram 18,91%. As despesas também cresceram, porém em menor ritmo (+15,82%). Abaixo, um pequeno resumo da execução orçamentária (somente despesas) do primeiro bimestre de 2024 e 2025.

Tabela 3
Resumo da execução orçamentária (despesas)
Bahia – 1º bim. 2024/2025

Despesas	2024	2025	Diferença	%
Despesas (exceto intraorçamentárias) (I)	8.260.514.734	9.567.339.890	1.306.825.156	15,82
Despesas correntes	7.237.408.049	8.426.368.867	1.188.960.818	16,43
Pessoal e encargos sociais	4.935.259.944	5.487.203.466	551.943.522	11,18
Juros e encargos da dívida	93.213.521	125.136.906	31.923.385	34,25
Outras despesas correntes	2.208.934.585	2.814.028.496	605.093.911	27,39
Despesas de capital	1.023.106.685	1.140.971.023	117.864.338	11,52
Investimentos	846.941.657	599.862.551	-247.079.106	-29,17
Inversões financeiras	68.012.473	405.942.248	337.929.775	496,86
Amortização da dívida	108.152.555	135.166.224	27.013.669	24,98
Despesas (intraorçamentárias) (II)	461.143.140	514.348.541	53.205.401	11,54
Subtotal das despesas (I + II)	8.721.657.874	10.081.688.431	1.360.030.557	15,59
Amortização da dívida / refinanciamento (IV)	-	-	-	0,00
Subtotal com refinanciamento (v) = (III + IV)	8.721.657.874	10.081.688.431	1.360.030.557	15,59
Superávit (VI)	-	3.931.708.453	3.931.708.452,59	-
Total (VII) = (V + VI)	8.721.657.874	14.013.396.884	5.291.739.010	60,67

Fonte: elaboração própria. Dados da Sefaz/BA.

Nota-se, que de acordo com as informações contidas na Tabela 3 acima, que o aumento das despesas de 2024 para 2025 (comparativo nominal do primeiro bimestre) ocorreu principalmente do lado das despesas correntes, o que significa uma forte recuperação, visto que, em relação a 2023, houve forte queda, de 7,21%. As despesas de capital, por sua vez, subiram em menor proporção, até porque, na comparação entre 2023 e 2024, elas dobraram e deixaram a base alta.

Outra particularidade observada no primeiro bimestre de 2025 foi a mudança de composição das despesas de capital, com mais inversões financeiras e menos investimentos. Inversões financeiras, no contexto da gestão pública, referem-se a despesas de capital destinadas à aquisição de bens já em uso, como imóveis ou títulos representativos de capital em empresas já existentes, que não impliquem aumento de capital, ou à constituição ou aumento de capital de empresas com finalidades comerciais ou financeiras. Investimentos, por sua vez, referem-se a inversões reais, ou seja, cria-se nova estrutura, geram-se serviços e incremento de PIB.

É válido observar que, sobretudo nos últimos anos, parte cada vez mais significativa das inversões financeiras do governo do estado da Bahia refere-se à participação em fundos ou estão ligadas a contratos de Parcerias Públicos Privadas (PPPs). Esse também pode ser um indicativo de mudança gradual de padrão da execução de despesas e do próprio financiamento do desenvolvimento do estado. Porém, observar em profundidade não está no escopo de uma análise conjuntural.

A seguir, um pequeno resumo da execução orçamentária do primeiro bimestre de 2024 e 2025 – desta vez, somente demonstrando as receitas.

Tabela 4
Resumo da execução orçamentária (Receitas)
Bahia – 1º bim. 2024 /2025

Receitas	2024	2025	Diferença	%
Receitas (exceto intraorçamentárias) (I)	11.352.911.914	13.499.882.681	2.146.970.767	18,91
Receitas correntes	10.715.547.746,24	12.425.489.516,44	1.709.941.770,20	15,96
Receita tributária	4.966.376.459,43	5.669.761.668,22	703.385.208,79	14,16
Receita de contribuições	621.853.744,50	685.257.031,48	63.403.286,98	10,20
Receita patrimonial	221.564.211,18	275.748.116,45	54.183.905,27	24,46
Receita de agropecuária	20.741,94	29.755,00	9.013,06	43,45
Receita de serviços	33.822.890,79	38.933.107,18	5.110.216,39	15,11
Transferências correntes	4.592.656.901,27	4.886.631.856,99	293.974.955,72	6,40
Outras receitas correntes	279.252.797,13	869.127.981,12	589.875.183,99	211,23
Receitas de capital	637.364.168	1.074.393.164	437.028.997	68,57
Operações de crédito	559.984.018,65	902.410.213,61	342.426.194,96	61,15
Alienação de bens	510.202,00	3.575.070,23	3.064.868,23	600,72
Amortização de empréstimos	12.421.554,71	18.020.094,96	5.598.540,25	45,07
Transferências de capital	14.247.635,77	21.094.363,16	6.846.727,39	48,06
Outras receitas de capital	50.200.756,48	129.293.422,47	79.092.665,99	157,55
Rec. (Intraorçamentárias) (II)	449.933.556,69	513.514.202,89	63.580.646,20	14,13
Subtotal das receitas (III) = (I + II)	11.802.845.471	14.013.396.884	2.210.551.413	18,73
Op. De crédito - refinanciamento (IV)	-	-	-	-
Subtotal c/ refinanciamentos (V) = (III + IV)	11.802.845.470,54		2.210.551.413,22	18,73
Déficit (VI)	-	-	-	-
Total (VII) = (V + VI)	11.802.845.470,54	14.013.396.883,76	2.210.551.413,22	18,73

Fonte: elaboração própria. Dados da Sefaz/BA.

Destaca-se o crescimento da receita tributária, bastante influenciada pelo crescimento econômico, o expressivo aumento das operações de crédito, puxado pelo maior volume das operações de crédito externas (+R\$ 315,410 bilhões), e a alienação de bens, cujo crescimento foi puxado pelo maior volume de bens móveis alienados (+R\$ 3,412 bilhões) – apesar do montante deste último ter baixo peso no cômputo das despesas totais. Nota-se, como aspecto “negativo”, o menor ritmo de crescimento das transferências, resultado do menor crescimento do seu principal componente, o Fundo de Participação dos Estados e do Distrito Federal (FPE), que cresceu 5,65% em termos nominais no período de comparação. O segundo maior componente das transferências correntes, o Fundeb, aumentou 9,83%.

Saindo das análises de resultado fiscal e verificando aspectos mais detalhados da receita e despesa, valem ser mencionadas a composição da receita tributária (arrecadação por imposto) e a composição programática das despesas, ambos na comparação, desta vez, entre o primeiro trimestre de 2024 e o primeiro trimestre de 2025.

A receita dos impostos estaduais (ICMS, ITD, IPVA) mais as taxas cresceram 12,71%, na comparação entre os três primeiros meses de 2025 e os de 2024. O resultado é puxado especialmente pelo ICMS, principal imposto estadual, somando R\$ 1,25 milhão a mais que no mesmo período do ano anterior. Ainda se destacam o Imposto sobre Transmissão "Causa Mortis" e Doação de qualquer Bens e Direitos (ITD), com alta de 34,80%, e a queda de 1,99% na arrecadação das taxas. Todas as comparações em termos nominais.

Tabela 5
Receita Tributária discriminada mensal
Bahia – 1º bim. 2024/1º bim. 2025

R\$ milhões

Mês	ICMS		IPVA		ITD		Taxas		Total	
	2025	2024	2025	2024	2025	2024	2025	2024	2025	2024
Janeiro	3.868,61	3.432,69	336,28	318,15	29,79	20,54	129,24	39,62	4.363,92	3.811,00
Fevereiro	3.355,56	2.891,22	484,95	439,75	30,70	26,65	74,57	129,13	3.945,78	3.486,75
Março	3.230,26	2.880,29	146,69	136,41	27,51	18,09	160,55	203,01	3.565,01	3.237,80

Fonte: elaboração própria. Dados da Sefaz/BA.

Em relação às despesas por programa, existem cinco deles cujo valor ultrapassam bilhões de reais. Um deles está ligado a ações de apoio administrativo e outro a operações especiais, não sendo programas de governo num sentido mais estrito. Os demais são o "Bahia Mais Segura", ligado à segurança pública, mas não restrita a ela; o "Cuidar Mais", programa de iniciativa nacional que visa aprimorar a assistência à saúde da mulher e materno-infantil, principalmente na atenção primária; e o programa "Escola Democrática: Participação Social e Qualidade", ligado à educação.

Todos os três programas tiveram suas despesas ampliadas – respectivamente 10,38%, 17,03% e 6,18% em termos nominais – no comparativo entre o primeiro trimestre de 2025 e o de 2024, o que denota continuidade da prioridade do estado nessas questões, em termos de orçamento.

Por outro lado, na mesma comparação, houve quatro programas que exibiram queda das despesas superior a 45%: o "Bahia em Movimento, Logística para o Crescimento" – que gastou ao menos cerca de R\$ 366 milhões, pouco mais da metade da despesa anterior; o "Bahia Antirracista" – R\$ 66,54 mil a menos; o "Mulher, Viver sem Violência" – R\$ 635,83 mil a menos; e o "Trabalho Decente" – R\$ 21,74 milhões a menos.

Muito embora a análise da variação da despesa por programa possa dar um bom indicativo sobre prioridades orçamentárias, é preciso certo cuidado nas conclusões, visto que algumas variações podem refletir ações pontuais. Assim, deve-se analisar complementarmente outras classificações, como natureza ou função, além de períodos maiores, o que excede o escopo da análise conjuntural.

SALVADOR – QUEDA SUBSTANTIVA DAS RECEITAS

Assim como o governo do estado da Bahia, o governo municipal de Salvador segue numa política consistente de geração de superávits primários. No primeiro bimestre de 2025, o superávit primário sem o Regime Próprio de Previdência Social (RPPS) pelo critério acima da linha atingiu a cifra de R\$ 551,9 milhões. Pelo critério abaixo da linha, o superávit foi de R\$ 798,5 milhões.

Diferentemente de 2024, quando o primeiro bimestre foi caracterizado pelo crescimento expressivo das receitas e das despesas em relação ao mesmo período do ano de 2023 (37,13% e 47,33%, respectivamente, em termos nominais), o primeiro bimestre de 2025 apresentou considerável queda das receitas, de 10,72%, além da subida das despesas, de 9,25%, em relação ao mesmo período de 2024.

Do lado das receitas, um destaque que vale um alerta é a variação da receita tributária (-3,21%), sobretudo da receita de impostos (-5,45%), também em termos nominais. A queda só não foi maior porque a receita com taxas teve variação positiva (+9,74%). A magnitude e a composição de tal queda podem indicar menor dinamismo econômico, uma vez que são justamente os impostos a parte da tributação mais sensível a variações do nível de atividade.

Também chama atenção a queda da receita de contribuições (-20,43%), especialmente das contribuições sociais (-40,14%), e o aumento da receita com alienação de bens imóveis (+511,66%), juntamente com a receita de exploração do patrimônio imobiliário do Estado (+32,32%), que amorteceu a queda da receita patrimonial.

Tabela 6
Resumo da execução orçamentária (Receitas)
Salvador – 1º bim. 2024/2025

Receitas	2024	2025	Diferença	%
Receitas (exceto intraorçamentárias) (I)	2.524.651.305,89	2.254.098.943,74	-270.552.362,15	-10,72
Receitas correntes	2.197.107.876,14	2.205.691.303,16	8.583.427,02	0,39
Receita tributária	1.090.935.474,19	1.055.864.036,70	-35.071.437,49	-3,21
Receita de contribuições	86.412.556,90	68.754.559,93	-17.657.996,97	-20,43
Receita patrimonial	71.218.973,65	59.699.585,50	-11.519.388,15	-16,17
Receita de serviços	7.981.050,13	8.052.917,38	71.867,25	0,90
Transferências correntes	898.513.433,18	982.458.235,55	83.944.802,37	9,34
Outras receitas correntes	42.046.388,09	30.861.968,10	-11.184.419,99	-26,60
Receitas de capital	327.543.429,75	48.407.640,58	-279.135.789,17	-85,22
Operações de crédito	305.713.000,60	21.523.114,34	-284.189.886,26	-92,96
Alienação de bens	445.288,53	2.723.653,27	2.278.364,74	511,66
Amortizações de empréstimos	-	-	-	-
Transferências de capital	-	-	-	-
Outras receitas de capital	21.385.140,62	24.160.872,97	2.775.732,35	12,98
Receitas (intraorçamentárias) (II)	101.191.901,62	35.799.623,89	-65.392.277,73	-64,62
Subtotal das receitas (III) = (I+II)	2.625.843.208	2.289.898.568	(335.944.640)	-12,79
Operações de crédito/ refinanciamento (IV)	-	-	-	-
Subtotal com refinanciamento (V) = (III + IV)	2.625.843.208	2.289.898.568	(335.944.640)	-12,79
Déficit (VI)	-	-	-	-
Total (VII) = (V+ VI)	2.625.843.208	2.289.898.568	(335.944.640)	-12,79

Fonte: elaboração própria. Dados da Sefaz/BA.

No tocante às despesas apresentadas na tabela seguinte, destaque para a variação das despesas com juros e encargos da dívida (-15,51%), bem como para a das despesas com amortização da dívida (+201,24%). Os dois movimentos combinados podem indicar um esforço governamental para diminuir seus níveis de endividamento, visto que as operações de crédito também tiveram forte queda das receitas, como se vê na tabela anterior (variação de -92,96%). De fato, a melhora do resultado primário abaixo da linha indica que o esforço tem atingido seu objetivo.

Por outro lado, as despesas de capital não possuem tanto peso no total quanto as despesas correntes. As últimas puxaram a subida do total. Apesar da queda das despesas com juros e encargos, as despesas com pessoal subiram 7,14% e as outras despesas correntes, 10,58%, resultando num incremento de 8,68% no total das despesas correntes. Todas em termos nominais.

Tabela 7
Resumo da execução orçamentária (Despesas)
Salvador – 1º bim. 2024/2025

Despesas	2024	2025	Diferença	%
Despesas (exceto intraorçamentárias) (I)	1.372.066.322	1.498.921.284	126.854.961	9,25
Despesas correntes	1.187.449.147	1.290.515.158	103.066.011	8,68
Pessoal e encargos sociais	514.489.607	551.221.756	36.732.149	7,14
Juros e encargos da dívida	18.666.744	15.771.203	2.895.541	-15,51
Outras despesas correntes	654.292.796	723.522.198	69.229.402	10,58
Despesas de capital	184.617.176	208.406.126	23.788.951	12,89
Investimentos	146.606.800	159.505.431	12.898.631	8,80
Inversões financeiras	25.321.344	10.675.788	14.645.556	-57,84
Amortização da dívida	12.689.031	38.224.907	25.535.876	201,24
Reserva de contingência	-	-	-	-
Despesas (intraorçamentárias) (II)	66.138.410	71.333.680	5.195.269	7,86
Subtotal das despesas (III) = (I + II)		1.570.254.963	132.050.231	9,18
Superávit (IV)	-	-	-	-
Total (V) = (III + IV)	1.438.204.732	1.570.254.963	132.050.231	9,18

Fonte: elaboração própria. Dados da Sefaz/BA.

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos
joaopaulo@sei.ba.gov.br

Denis Veloso
dveloso@sei.ba.gov.br

Carol Vieira
carolvieira@sei.ba.gov.br

De acordo com os dados da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o Produto Interno Bruto (PIB) da Bahia cresceu 3,2% no primeiro trimestre de 2025, em comparação ao mesmo período do ano anterior. Considerando a série com ajuste sazonal, que compara o primeiro trimestre de 2025 com o quarto trimestre de 2024, o resultado também foi positivo, com alta de 0,9%.

Tabela 1
PIB trimestral
Bahia – 2025(1)

Períodos	Taxas (%)
1º trim. 2025/1º trim. 2024	+3,2
1º trim. 2025/4º trim. 2024 (sazonal)	+0,9

Fonte: SEI.

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Nota: (1) Dados sujeitos a retificação.

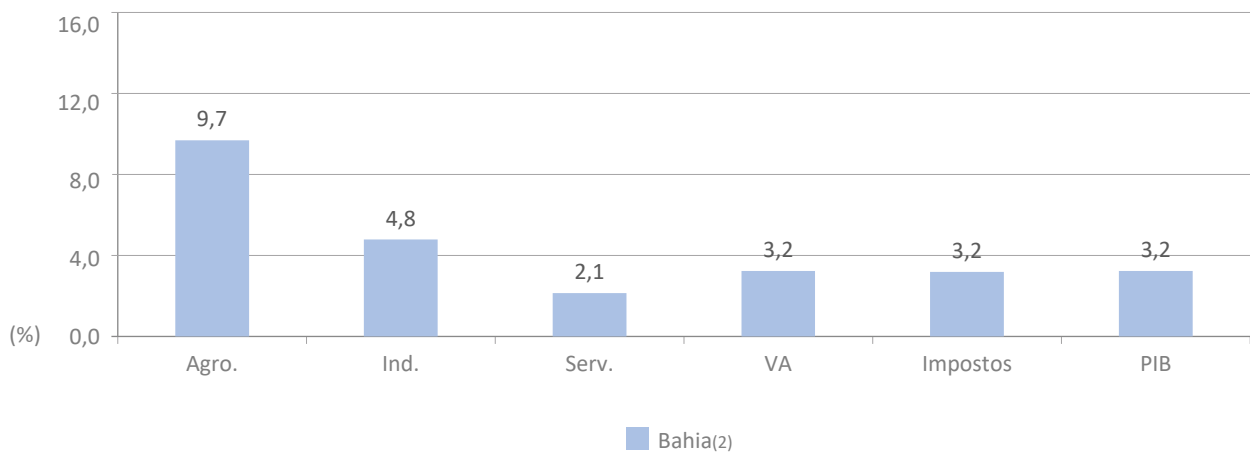
PIB em valor corrente

No primeiro trimestre de 2025, o PIB da Bahia alcançou R\$ 138,5 bilhões, dos quais R\$ 122,2 bilhões correspondem ao Valor Adicionado (VA) e R\$ 16,3 bilhões são referentes aos impostos arrecadados no período. Entre os grandes setores, a *Agropecuária* registrou um VA de R\$ 5,2 bilhões, a *Indústria* de R\$ 38,4 bilhões e os *Serviços* de R\$ 78,7 bilhões.

1º TRIMESTRE 2025/1º TRIMESTRE 2024

No primeiro trimestre de 2025, o PIB da Bahia registrou crescimento de 3,2% em relação ao mesmo período do ano anterior, segundo dados da equipe de Contas Regionais da SEI. O Valor Adicionado (VA) teve variação positiva de 3,2%, assim como os Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios, que também cresceram 3,2%. Todos os grandes setores apresentaram desempenho positivo: a *Agropecuária* avançou 9,7%, a *Indústria* cresceu 4,8% e o setor de *Serviços* teve expansão de 2,1%.

Gráfico 1
Variação dos setores do Produto Interno Bruto
Bahia – 1º trim. 2025(1)



Fonte: SEI/IBGE (2025).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

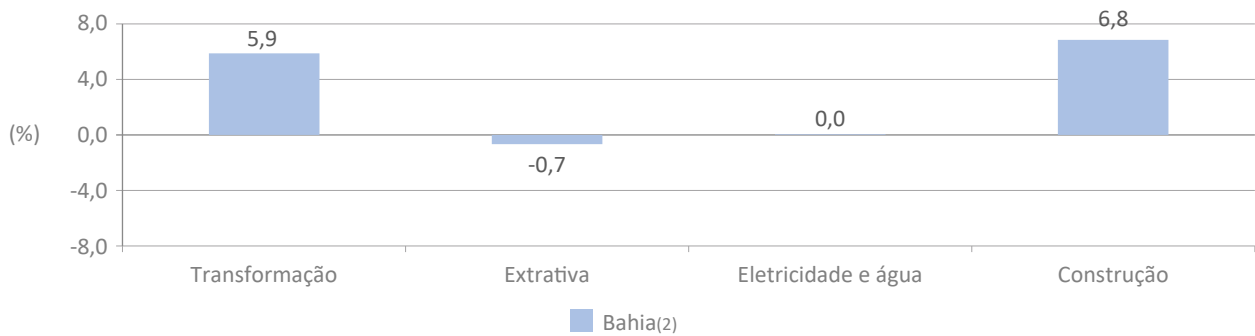
Notas: (1) Variação no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

Segundo dados da equipe de Contas Regionais da Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o VA do setor agropecuário da Bahia cresceu 9,7% no primeiro trimestre de 2025, em comparação ao mesmo período do ano anterior. Esse desempenho positivo reflete as estimativas favoráveis das principais culturas da *agricultura* no estado, especialmente o crescimento da safra de soja. Além disso, contribuíram para esse resultado o bom desempenho da *pecuária*.

No primeiro trimestre de 2025, a *indústria* da Bahia registrou crescimento de 4,8% em relação ao mesmo período do ano anterior. Esse resultado foi impulsionado, principalmente, pelas altas nas atividades da *Indústria de transformação* (+5,9%) e *Construção* (+6,8%). Por sua vez, a atividade de *Eletricidade e gás, água e esgoto* (+0,0%) manteve-se estável, enquanto as *Indústrias extrativas* recuaram 0,7%, devido à queda no volume de petróleo e gás natural.

Gráfico 2
Variação das atividades da Indústria
Bahia – 1º trim. 2025(1)



Fonte: SEI/IBGE (2025).

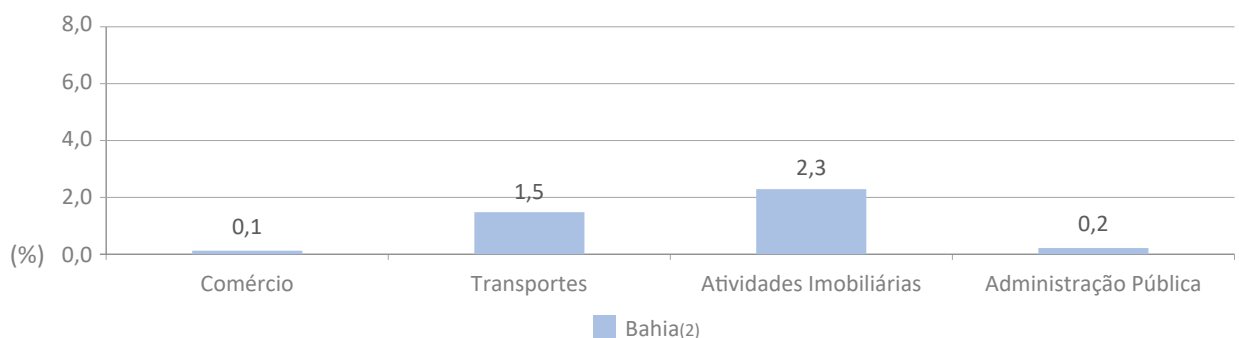
Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

O setor de *Serviços* baiano registrou alta de 2,1% no primeiro trimestre do ano de 2025. O grande destaque foi o incremento no VA das *Atividades imobiliárias*, que registrou taxa de 2,3%. Crescimento positivo também nas atividades de *Transportes* (+1,5%), *Comércio* (+0,1%) e na *Administração pública* (+0,2%). Sobressai-se ainda o crescimento no grupo *Outros serviços*,¹ com expansão de 4,9% nos três primeiros meses de 2025.

Gráfico 3
Variação das atividades de Serviços
Bahia – 1º trim. 2025(1)



Fonte: SEI/IBGE (2025).

Elaboração: SEI/Distat/Coref.

Notas: (1) Variação no primeiro trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) Dados sujeitos a retificação.

¹ Engloba as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços de informação e comunicação; atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados; atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; educação e saúde mercantis; artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; serviços domésticos.

MERCADO DE TRABALHO

Luiz Fernando Araújo Lobo
luizlobo@sei.ba.gov.br

Desaceleração adiada! Apesar de algumas previsões em contrário e de alguma perda de dinamismo ao final do ano passado, a economia brasileira mostrou vigor no início deste ano. O primeiro trimestre de 2025 não afiançou as expectativas mais pessimistas, mesmo diante do forte garrote monetário imposto à sociedade brasileira. Nesse contexto, o mercado de trabalho continuou sua trajetória de surpreender positivamente, impulsionando assim as engrenagens da atividade econômica. No curto prazo, pelo menos até o final do primeiro semestre, a expectativa é de que a economia siga crescendo e o mercado de trabalho continue incorporando trabalhadores e gerando renda.

Sem se propor a uma análise de maior aprofundamento, o presente texto visa apresentar as principais informações do cenário recente do mercado de trabalho local, contrapondo tais estatísticas com as correspondentes séries históricas e com os indicadores das realidades nacional e regional quando se mostrar interessante. A conjuntura do mercado de trabalho baiano foi aqui exposta tendo por base tanto os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego, quanto os da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

De acordo com os dados do Caged, de janeiro a março de 2025, o montante de empregos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho no estado aumentou, fruto da geração líquida de 30.660 postos. Ao fim do primeiro trimestre de 2025, reforçado pelo saldo positivo ocorrido nesse intervalo, a Bahia passou a contar com 2.168.537 vínculos celetistas ativos, o que significou uma elevação de aproximadamente 1,43% sobre o quantitativo de 2.137.877 empregos computados no início do ano (estoque de referência). Dessa forma, ao término do referido trimestre, a Bahia concentrava 27,20% e 4,53% do total de empregos com carteira assinada existente na região nordestina e no país, respectivamente – mantendo-se, assim, com o maior volume de vínculos formais do Nordeste e o sétimo maior montante entre as 27 unidades federativas.

Sob o olhar dos resultados mensais, a dinâmica com mais admissões do que desligamentos foi apurada em cada um dos meses do primeiro trimestre de 2025 na Bahia. O mês de fevereiro foi o de maior geração no intervalo, com 20.171 novas vagas – aliás, melhor resultado mensal da nova série histórica, iniciada em 2020. Os meses de janeiro e março testemunharam excedentes menos destacados, com 7.491 e 2.998 novos postos, respectivamente. Apesar de positivos, os saldos se mostraram oscilantes ao longo dos meses do referido trimestre –

diferentemente do que foi visto no conjunto dos mesmos meses do ano passado, quando os resultados foram crescentes mês a mês. Entretanto, vale salientar, dois dos meses do intervalo observado evidenciaram apuração superior ao de um ano atrás (janeiro e fevereiro, no caso).

Em contraponto aos resultados dos intervalos de referência, a geração de 30.660 postos no primeiro trimestre de 2025 em território baiano permitiu constatações semelhantes. No comparativo com o quarto trimestre do ano passado, período com perda líquida de 12.499 vagas, a apuração recente dos dados indicou evolução, já que mostrou (como esperado) um saldo muito maior do que o de outubro a dezembro de 2024. Quanto ao mesmo trimestre de um ano antes, o saldo atual também se revelou mais favorável, já que a ocupação com carteira assinada havia incorporado 26.014 vínculos no trimestre inaugural de 2024. Mais além, o número de novos postos abertos recentemente amparou o maior saldo para um primeiro trimestre no estado desde o verificado no ano de 2022 (+33.740 empregos formais), patenteando uma realidade mais consolidada no início de 2025 do que no começo dos dois anos imediatamente anteriores. Assim, ao mostrar um fortalecimento no ritmo da geração de postos no confronto anual, o resultado trimestral mais recente ajuda a alimentar as esperanças de que a absorção líquida de trabalhadores pelo polo protetivo daqui para frente poderá se manter relevante.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no agregado dos meses de janeiro a março de 2025, com 654.503 vínculos a mais. Ademais, todas as regiões ampliaram o número de postos de trabalho no referido período. Em termos absolutos, o Sudeste (+307.264 vagas) evidenciou o melhor desempenho e o Nordeste (+28.867 postos) exibiu o cenário menos favorável. Das unidades da Federação, houve surgimento líquido em 24 delas no trimestre. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo líquido de 30.660 oportunidades ocupacionais, ficou na sétima posição, 13 colocações acima da verificada no intervalo imediatamente anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia evidenciou o melhor resultado absoluto, enquanto o Maranhão (+4.037 postos) e Alagoas (-12.787 vagas) exibiram o segundo maior e o menor saldo regional no trimestre analisado, respectivamente.

O crescimento de empregos com carteira assinada na Bahia, no primeiro trimestre de 2025, alcançou quatro dos cinco grandes estratos setoriais. O setor de *Serviços* se destacou com o desempenho mais proeminente, com a contratação líquida de 19.747 trabalhadores no período. O setor de *Indústria geral*, com 5.809 novos contratos, também indicou um saldo relativamente relevante, evidenciando o segundo melhor resultado entre as atividades. Em seguida, com dados positivos menos protuberantes, vieram a *Construção* (+4.138 vínculos) e a *Agropecuária* (+3.448 vagas). Assim, portanto, o *Comércio* foi o único com encolhimento do nível de emprego, contabilizando uma perda líquida de 2.481 postos.

De acordo com o levantamento da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADC) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), na Bahia, a taxa trimestral de desocupação ficou em 10,9% no primeiro trimestre de 2025. Trata-se do menor índice para um primeiro trimestre desde o início da série. Do quarto trimestre de 2024 ao primeiro deste ano, a taxa de desocupação cresceu, pois passou de 9,9% para 10,9%, respectivamente – indicando um aumento de 1,0 ponto percentual. Em relação ao mesmo conjunto de meses de 2024, quando o indicador havia sido estimado em 14,0%, houve decréscimo, com a taxa mais recente ficando 3,1 pontos percentuais abaixo.

Assim, após um leve repique no término de 2024 (isso depois de duas baixas sucessivas no segundo e no terceiro trimestres daquele ano), o ano de 2025 começou com um reforço desse movimento de alta – computando, dessa forma, dois aumentos consecutivos em bases trimestrais. Esse aumento de agora, no entanto, não chega a ser surpresa, já que reflete um comportamento próprio do mercado de trabalho baiano em início de ano (em parte, associado a fatores sazonais), tendo sido observado em todos os anos da série. Mesmo diante dessa oscilação para cima, a estimativa trimestral mais recente do desemprego na Bahia (10,9%) continuou bem abaixo do seu auge, ocorrido no primeiro trimestre de 2021 (21,7%) – lembrando que seu menor valor histórico se deu no quarto trimestre de 2013, quando atingiu 9,1% da força de trabalho local.

Além da Bahia, outras 24 unidades da Federação apresentaram expansão na margem da taxa trimestral de desocupação (independentemente da significância estatística da oscilação) – por outro lado, duas delas não exibiram qualquer oscilação e nenhuma delas registrou variação para baixo. Com aumento de 1,0 ponto percentual, a Bahia exibiu a 11ª maior elevação absoluta do país. Assim, diante da alta mais recente da taxa de desocupação, a Bahia continuou a exibir a segunda estimativa mais elevada entre as unidades federativas (atrás de Pernambuco, com 11,6%). Na outra ponta, Santa Catarina (3,0%) apresentou a menor taxa entre as unidades federativas. Em terras baianas, portanto, a situação se traduziu em um percentual de mais de três vezes o observado em território catarinense. No Brasil e no Nordeste, as estimativas ficaram em 7,0% e 9,8%, respectivamente – percentuais, portanto, abaixo do calculado para o território baiano (10,9%).

No intervalo em análise, relativamente ao trimestre adjacente anterior, o mercado de trabalho baiano experimentou redução na ocupação (-2,4% ou menos 158 mil ocupados) e ampliação na desocupação (+8,3% ou mais 60 mil desocupados) – assim, a ocupação recuou após três altas em sequência, enquanto a desocupação aumentou pela segunda vez seguida. Dessa forma, em relação ao intervalo antecedente, a retração da ocupação combinada com a ampliação do número de desocupados desembocou numa expansão da taxa de desocupação no estado. O movimento ascendente da taxa de desemprego nessa base comparativa,

portanto, esteve atrelado tanto ao encolhimento do número de pessoas trabalhando quanto ao aumento do total de indivíduos sem trabalho e que estavam procurando por um. No comparativo interanual, por sua vez, houve aumento de pessoas trabalhando (+5,4% ou mais 326 mil ocupados) e diminuição de pessoas procurando por trabalho sem conseguir (-20,9% ou menos 206 mil desocupados).

O contingente de ocupados no conjunto dos meses de janeiro a março de 2025 na Bahia, com 6,364 milhões de pessoas de 14 anos ou mais de idade, apesar da contração na margem, ainda se revelou o terceiro maior da sequência – muito acima, portanto, do menor valor da série, de 4,869 milhões de indivíduos no segundo trimestre de 2020 (quando da eclosão da crise da pandemia da covid-19). O montante de ocupados, porém, atingiu seu auge recentemente, quando contabilizou 6,522 milhões de ocupados no último trimestre de 2024. No comparativo entre primeiros trimestres, por sinal, o número de pessoas trabalhando foi o maior para um primeiro trimestre desde início da pesquisa.

A população desocupada, composta por 780 mil indivíduos, mesmo diante do aumento na margem, ainda se mostrou como o 11º menor montante da série – já tendo sido, entretanto, de 634 mil indivíduos no trimestre de encerramento do ano de 2013, melhor marca da história. Do mais, relevante recordar, o maior quantitativo de desocupados foi de 1,442 milhão de indivíduos no período inaugural do ano de 2021. Além disso, para um primeiro trimestre, trata-se do menor quantitativo de pessoas sem trabalho e que estavam procurando por um trabalho desde o início da série.

Por fim, após ter diminuído por dois intervalos em sequência, o número de pessoas fora da força de trabalho na Bahia aumentou na margem (+2,8% ou mais 140 mil indivíduos do quarto trimestre do ano passado ao primeiro deste ano), indo a 5,225 milhões – configurando-se, dessa forma, como o oitavo maior registro da série. Diante dessa oscilação desfavorável, tal quantitativo reforça o alerta, já que se encontra num patamar maior do que qualquer outro observado antes da pandemia, acumulando assim potencial para repercutir negativamente na desocupação, caso o desempenho econômico futuro não seja suficiente para incorporar aqueles que porventura voltem a pressionar o mercado de trabalho em busca de ocupação. Em um ano, o movimento também foi de alta (+0,7% ou mais 36 mil indivíduos), voltando a majorar após ter recuado em bases anuais.

Na Bahia, no trimestre mais recente, comparativamente ao imediatamente anterior, após três altas em sequência, o número de informais diminuiu. O quantitativo de formais também recuou, mas isso após ter aumentado. A redução do montante de informais (menos 38 mil pessoas), entretanto, foi de magnitude menor do que o recuo da ocupação na formalidade (menos 121 mil pessoas). Ou seja, do quarto trimestre de 2024 ao primeiro deste ano, a

diminuição da ocupação no estado se deu principalmente pelo canal da formalidade – o que acarretou uma ampliação do grau de informalidade na margem. Assim, reforçado por esse contexto de supressão de trabalhadores especialmente do polo protetivo, o encolhimento geral da ocupação terminou assumindo um caráter mais nocivo, já que prejudicou mais o estrato do mercado de trabalho que tende a ter empregos de maior qualidade e mais garantias. Por fim, o período de janeiro a março de 2025 contabilizou 3,305 milhões de ocupados na informalidade e 3,059 milhões na formalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 51,9% (ante 51,3% no quarto trimestre do ano passado), o sexto maior do país. No Brasil como um todo, 38,0% das pessoas ocupadas se encontravam na informalidade nesse mesmo período.

O rendimento médio real de todos os trabalhos, habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas, no primeiro trimestre de 2025, na Bahia, foi estimado em R\$ 2.231, o sexto maior da série – mas ainda o segundo mais baixo entre as unidades federativas (semelhantemente ao constatado no trimestre antecedente), acima apenas ao do Maranhão, estimado em R\$ 2.088. Além do mais, o rendimento médio baiano se mostrou equivalente a 65,4% e a 93,6% dos rendimentos médio brasileiro e nordestino, que foram de R\$ 3.410 e de R\$ 2.383 no referido trimestre, respectivamente. Em relação ao mesmo intervalo de 2024, quando estava em R\$ 2.212, houve alta de 0,9% (ou seja, mais R\$ 19) – a décima expansão consecutiva após oito retrações seguidas nessa base de comparação. Num comparativo com o trimestre imediatamente anterior, quando o valor estava em R\$ 2.173, ocorreu uma variação positiva de 2,7% (mais R\$ 58), segunda alta em sequência.

A massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas foi estimada em R\$ 13,981 bilhões no estado, o maior montante desde o início da série histórica – significando uma elevação de 0,6% frente ao do quarto trimestre do ano passado, de R\$ 13,901 bilhões, e uma alta de 7,1% num comparativo com o total do mesmo período do ano de 2024, cujo valor havia sido de R\$ 13,057 bilhões. A Bahia, assim, no primeiro trimestre do ano, concentrou 4,1% e 26,0% de toda a massa de rendimento do país e da região nordestina, respectivamente. A ampliação da massa de rendimento real em relação ao trimestre imediatamente antecedente se deu pela segunda vez consecutiva, tendo ocorrido exclusivamente por conta do crescimento do rendimento médio real, já que a população ocupada encolheu nessa base de comparação. No comparativo interanual, por sua vez, a ampliação recente significou a 13ª expansão consecutiva, isso depois de um período com sete quedas em sequência – a alta aqui, por sua vez, decorreu do aumento concomitante do rendimento médio real de todos os trabalhos e da ocupação nesse intervalo.